

1090
VOL-CXI
(1111)

1902

ANGELO VAZ

Neo-Malthusianismo

THESE INAUGURAL

APRESENTADA Á

Escola Medico-Cirurgica do Porto



1111/1 ENC

PORTO

TYP. DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA

178, Rua de D. Pedro, 184

1902

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

Antonio Joaquim de Moraes Caldas

LENTE SECRETARIO

CLEMENTE JOAQUIM DOS SANTOS PINTO

CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva geral.....	Carlos Alberto de Lima.
2. ^a Cadeira—Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illidio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa.....	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria	Clemente J. dos Santos Pinto.
6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos.....	Candido Augusto Correia de Pinho.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna.....	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clinica medica.....	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a Cadeira—Clinica chirurgica.....	Roberto Bellarmino do Rosario Frias.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica.....	Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
11. ^a Cadeira—Medicina legal.....	Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semiologia e historia medica.....	Alberto Pereira Pinto d'Aguilar.
13. ^a Cadeira—Hygiene	João Lopes da Silva Martins Junior
Pharmacia.....	Nuno Freire Dias Salgueiro.

LENTES JUBILADOS

Secção medica.....	{ José d'Andrade Gramaxo.
	{ Dr. José Carlos Lopes.
Secção chirurgica.....	{ Pedro Augusto Dias.
	{ Dr. Agostinho Antonio do Souto

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica.....	{ José Dias d'Almeida Junior
	{ José Alfredo Mendes de Magalhães
Secção chirurgica.....	{ Luiz de Freitas Viegas.
	{ Vaga.

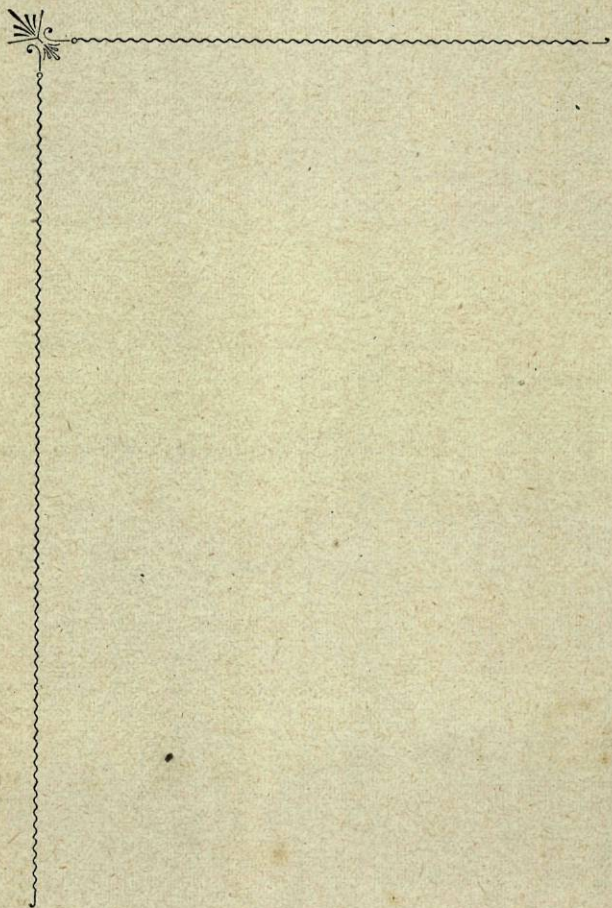
LENTE DEMONSTRAD

Secção chirurgica	Vaga.
-------------------------	-------



A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola* de 23 d'abril de 1840, art. 159.º)



A meus paes.

A meu irmão.

Aos meus.

Ao Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.

Conselheiro Bernardino Machado

e Sua Ex.^{ma} Família.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Dr. Carlos de Lima.

Aos meus amigos.

AO MEU PRESIDENTE DE THESE

Al.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Dr. Luiz Viegas.

PREFACIO

C'est à la médecine qu'il faut demander la solution des problèmes qui intéressent le plus la grandeur et le bonheur de l'humanité.

DESCARTES.

Parecerá devéras extranho, a um rapido exame, que tivessesmos escolhido para assumpto da nossa these o *Neo-Malthusianismo*. Mas, attentando bem, as suas relações com a Medicina são tão intimas, tão estreitas, que essa extranheza depressa se desvanecerá, impondo-se o assumpto pela instante magnitude da sua importancia.

Uma hygiene e uma prophylaxia sociaes, bem entendidas, suppõem o conhecimento

profundo de todas as condições da vida individual.

A Saude, esse equilibrio harmonico de todas as funcções, essa perfeita synergia de todas as nossas faculdades, baseia-se fundamentalmente na justa correlação do nosso meio interno com o meio exterior. Como conseguil-a, como determinar-lhe as condições de existencia, sem a noção clara e nitida d'esses elementos primordiaes?

A ideia completa e precisa de toda a nossa organização structural e da nossa physiologia, deriva directamente d'uma concepção lucida e ampla de todas as partes elementares, constituindo o meio cosmico e o meio social. O estudo detalhado de todos esses phenomenos, a interpretação á luz d'um criterio scientifico, serêno e desapaixonado, de todas as relações que estreitamente os ligam: eis a missão do medico.

O *Neo-Malthusianismo* importa directamente á manutenção da Saude, á existencia d'uma

bôa hygiene social. Pôde transformar intensamente o aspecto da Vida, graças a uma selecção consciente e livre.

Mas o *Neo-Malthusianismo* não vem apenas resolver uma questão de momento. Não será sómente a sociedade actual que ha de beneficiar com o uso das praticas neo-malthusianas. O poderoso influxo da sua acção irá muito mais longe; estender-se ha ás gerações futuras, afusando-as cada vez mais na sua perfectibilidade, laborando continuamente pela sua felicidade e grandeza.

CAPITULO I

A MISERIA—SUAS CAUSAS: DISTINÇÃO DE CLASSES, PROPRIEDADE INDIVIDUAL—SEUS EFEITOS: PAUPERISMO, PROSTITUIÇÃO, CRIME, SUICIDIO, ALCOOLISMO—ESFALFAMENTO PHYSICO, ESFALFAMENTO MENTAL—DECADENCIA ORGANICA—CREPUSCULO DA ESPECIE—*Fiat Justitia.*

Le premier qui, ayant clos un terrain, s'avisait de dire *ceci est à moi*, et trouva des gens assez simples pour le croire, fut le vrai fondateur de la société civile. Que de crimes, de guerres, de meurtres, que de misères et d'horreurs n'eut point épargnés au genre humain celui qui, arrachant les pieux ou comblant les fossés, eut crié à ses semblables: Gardez-vous d'écouter cet imposteur, vous êtes perdus si vous oubliez que les fruits sont à tous et que la terre n'est à personne.

ROUSSEAU.

Seria comprovada cegueira ou revoltante cinismo negar a miséria. A sua existência não necessita demonstração; impõe-se por si mesma, com a nitidez contundente da sua realidade bem

tangível e gritante. E essa miseria não é d'hoje. Ha milhares e milhares d'annos que a humanidade vem curvada ao peso do infortunio e do desespêro, arrastando-se penosamente por entre a retalhante e pungente dramatisação da vida.

Desde que, graças á anthropologia e á archeologia prehistoricas, o Homem emergiu na sua hedionda e feroz configuração physica e moral da anegrada e longinqua noite dos tempos, que o encontramos perseguido pela miseria, implacavelmente, duramente, através de todas as edades, pesadêlo obsediante e horrivel, crispan-do-o e contorcendo-o n'um soffrimento estertorôso e continuo.

Foram espancadas para bem longe essas crenças religiosas e metaphysicas que consideravam o primeiro homem existente, como typo ideal de venturosa belleza e serena bondade. Essa miragem lendaria e seductora do *Eden Terreal* ha muito que deixou de corresponder á verdade dos factos, para deixar apenas a revivescencia de qualquer coisa de amavelmente sonhado e de ainda infinitamente distante. Como estamos bem longe de acreditar n'essa celebrada plenitude de perfeições e felicidades que Buffon e Rousseau attribuiam ao homem primitivo! No dizer finalmente ironico e scintillante de fórmula do auctor da *Hygiene social*, o prof. Ricardo Jorge: «Era uma bucolica perenne esse decantado viver dos nossos primeiros paes; a paisagem suavissima d'ideal, o

céu d'um azul que nada empana e d'uma ternura meteorologica incomparavel, a vegetação luxuriante, bella e florida; os ramos curvam-se com o saboroso fructo, facil e unico alimento, as aves gorgeiam das alfombras casando os seus concertos com o sussurro da lympha crystallina; o velho patriarcha de barba veneranda discorre sabiamente, recostado ao tronco do carvalho annoso, e rodeado dos varões que se embebem religiosamente d'aquellas predicas d'uma sabedoria antiga; a juventude tripudia alegremente sobre a relva cantando e dançando, n'uma nudez adamica e n'uma promiscuidade adoravel de sexos; e lá no recesso umbroso e perfumado dos bosques, as evas formosissimas, destacando os morbidos contornos sobre o tapete flaccido de verdura, entre deusas e bacchantes, arrulham os seus ternos amavios.»

Todo esse amontoado de evocações phantastas se esboroou e summiu rapidamente, para dar lugar á edificação magnifica que constitue a historia do homem, desde o periodo terciario até ao momento actual. Uma vez emancipado e liberto pelo ascendente evoluir da sua organização da inferioridade dos seus ancestraes, o homem encetou essa longa *Via dolorosa* que tragicamente lhe vem cruentando a vida.

Inferior em força physica a muitos outros animaes adstrictos á fauna das primeiras edades, tendo a lutar ainda com a agrura de todas as

condições mesológicas d'então, o homem errou largamente de caverna em caverna, acoitando-se, misero foragido, no seio da rocha acolhedora e magnanima. E assim, acossado, fustigado a cada passo pela necessidade inadiavel d'uma luta sem treguas, lá foi afusando todas as faculdades latentemente diffundidas na sua organização estrutural. Toda a bestealidade feroz do seu aspecto se foi lentamente desvanecendo e apagando; a attitude abandonou a curvatura servil e deprimente que lhe era propria para, erecta e altaneira, se erguer adentro de todo o antagonismo circumdante. O cerebro foi desabrochando, entreabrindo gradualmente toda a complexidade das suas circumvoluções, enriquecendo a fina textura da sua anatomia, para mais tarde poder prodigalisar-lhe essa energia creadora que o salvasse d'um anniquilamento ameaçante e inexoravel.

Mas que de luctas aspérrimas e temerosas até poder manter a disputada hegemonia sobre as outras especies que tenazmente o hostilisavam, arrastadas ao combate por um determinismo biologico fatal e necessario! A principio, a pobreza organica fazendo perigar a cada momento a sua resistencia vital, propellindo-o de catastrophe em catastrophe a um fracassar continuo d'encontro á rigida opposição do meio. Depois, como se isso não bastára, uma vez constituida a sociedade primitiva, eis que surgem as rixas fraticidas adentro da propria especie, amesquinhando uns na

vergonha da derrota e enaltecendo outros na ebriedade da victoria. E as castas principiam a esboçar-se, a desenhar-se cada vez mais, destacando-se violentamente, dividindo a humanidade em oprimidos e oppressores.

Aqui se origina o conflicto secular, permanentemente herdado pelas gerações subsequentes, lugubre e sinistro espolio, fonte de toda a miseria e dôr humanas.

D'então para cá, accentua-se a divergente separação entre as duas classes contendôras. Como symbolos commoventes de dolorida miseria poder-se-hiam evocar o paria, o fellah egypcio, o escravo das civilisações hellenica e romana, que mais tarde nos surge transfigurado em servo de gleba, até depararmos com o proletario das sociedades modernas.

Mas deixemos toda essa longa odysseia de martyrisante soffrimento para remontarmos á miseria d'hoje, problema apavorante e dominador pela complexa magnitude da sua importancia social.

*

E' sem duvida á distincção de classes, tendo como pedra basilar da sua organização em sociedade a propriedade individual, que devemos attribuir a origem e a causa da miseria. Começaram desde logo a estabelecer-se entre cada uma d'ellas barreiras insuperaveis, tornando as

suas mutuas relações cada vez mais difíceis e hostis. A accumulação das riquezas nas mãos d'alguns em detrimento do maior numero, deu logar á formação dos desprotegidos e dos explorados que mais tarde formariam legião. A principio, foram os mais fortes, os melhor dotados physicamente, que esmagaram os mais fracos; mas dentro em breve a lucta tomou uma outra feição, para serem os astuciosos e os sem escrúpulos que levam de vencida os sinceros e os honestos. As vantagens adquiridas são conservadas aváramente pelas classes superiores, transmittidas por herança aos descendentes, e assim, d'uma maneira gradual, se vão formando as grandes fortunas. E hoje deparamos com esse facto, a um primeiro exame paradoxal, de existirem riquezas que abundantemente poderiam satisfazer a humanidade inteira, contrastando com a miséria mais negra.

Não se julgue porém que ennegrecemos o quadro. A logica dos numeros demonstrará á evidencia toda a verdade da nossa affirmativa. E' a propria estatistica official que accusava ainda ha poucos annos a enorme somma de 12 milhões de indigentes! Esses, os reconhecidos pelas classes dominantes, os que são soccorridos pela *Assistencia publica*, os etiquetados por qualquer estabelecimento de beneficencia. E essa pavorosa multidão deve ter augmentado muito mais ainda.

Mas, além de todos esses miseraveis que a

sociedade actual reconhece como exigindo um soccorro immediato, quantos não vêem ainda augmentar-lhes o numero! Essa quantidade bem consideravel de 12 milhões de indigentes, a que poderemos chamar *pobres officiaes*, está longe de corresponder á realidade dos factos. Os assistidos não constituem senão uma parte bem restricta comparativamente á grande massa dos miseraveis. Quantos e quantos se recusam, por um legitimo sentimento de nobreza, a deixar-se inscrever nos registos policiaes! A uma vida cheia de abjecções preferem dignamente o rebentarem de fome. E' um episodio bem banal na sociedade d'hoje o encontrarmos, mortos de cansaço e de fome, os que encarniçadamente se debateram para conquistar umas migalhas de pão.

Essa turba anonyma que o Estado ainda não pôde cobrir de ignominia, arremecendo-a para as fileiras dos protegidos pela *Assistencia publica*, é constituida na sua quasi totalidade pelas classes proletarias. São os proletarios os que mais soffrem com a organização da sociedade actual. E estes devem ser indiscutivelmente considerados como indigentes, pois que a média dos salarios é inferior ao minimo do valor necessario á sua alimentação. Kropotkine, na impossibilidade de apresentar estatisticas officiaes, soccorreu-se do estudo comparativo das listas dos salarios agricolas e industriaes nos diversos paizes, chegando a formular a seguinte conclusão:

Numero de pobres da Europa e dos Estados-Unidos, em 1887, calculado segundo a escala dos salarios:

Camponezes	50 milhões
Operarios	20 »
	<hr/>
	70 »

Destacando d'estes 70 milhões de indigentes os 12 milhões reconhecidos pelo Estado, temos nada menos de 58 milhões de miseraveis que as estatisticas officiaes não apontam. Este calculo póde parecer um tanto ou quanto exagerado, mas os que, conscienciosamente e livres de qualquer *parti pris*, se disponham a verificar-lhe a exactidão, não podem deixar de confessar que a miseria é enorme, muito além do que era possível imaginar-se.

Mas dir-nos-hão espiritos optimistas ou os que hypocritamente querem fechar os olhos ao reconhecimento da verdade: esses 12 milhões de miseraveis soccorridos pelo Estado não devem ser incluídos n'uma estatistica de indigencia, visto não soffrerem já as consequencias da luta social e estarem a coberto de todas as necessidades, graças á benemerita protecção da sociedade. A esses responderemos apenas como o faz Kropotkine: a Assistencia publica é uma das maiores mystificações d'este seculo.

E' altamente instructivo, prenhe d'ensinamentos, o estudo minucioso dos *Establecimentos de*

caridade nos diferentes paizes. Em Inglaterra, nas *workhouses*, o regimen a que sujeitam os pobres internados é tão duro e tão severo como o das prisões. A pobreza parece ser um crime. O desgraçado que tenha a má sorte de ser beneficiado pelo Estado, fica immediatamente privado da liberdade, tendo de trabalhar sem descanso para poder conservar a *vantajosa* posição adquirida.

Em França, não existem estes internatos de beneficencia. Ha os *bureaux de bienfaisence* que distribuem aos indigentes soccorros em dinheiro. Comprehende-se porém a inefficacia de semelhante systema, attendendo á quantidade minima do auxilio monetario distribuido.

Na Suissa, paiz tão innumeradas vezes citado como modelo de virtudes e como exemplo vivo de organização ideal, a situação não é das mais favoraveis e lisonjeiras. Ahi, a assistencia publica não está debaixo da alçada directa do Estado. A beneficencia está a cargo de cada communa, que exerce a sua acção d'uma maneira independente e autonoma. Os indigentes estão repartidos pelas differentes communas, que superintendem directamente na sua manutenção. Por consequencia, cada communa trata, é claro, de dispender o menos possivel. E' uma derivada necessaria de toda a organização social estabelecida. Dão-se portanto factos bem revoltantes e lamentaveis. Entre os mais estridentes pela sua

criminosa monstruosidade são, sem duvida alguma, essas vendas disfarçadas de creanças, sob o nome de *mises*, na Suissa franceza. Os orphãos que a communa tem o dever de sustentar, são distribuidos por individuos que se encarregam da sua manutenção, mediante uma pequena esportula annual. As creanças são *postas em leilão* e os que fizerem ou acceitarem propostas mais moderadas ou mais em conta, são os que as podem levar, sem que as communes vão inquirir que especie de trabalho ou de alimentação lhes é ministrada. Futuros explorados, os pobres orphãos vão ser obrigados a trabalhar de sol a sol, para poderem resgatar com o producto d'uma tarefa bem ardua, a misera côdea que os seus senhores lhes atiram, como castigo á sua orphanidade.

Este, o quadro tracejado d'uma maneira tão vibrante e a golpes de indignada e legitima revolta por Kropotkine. Melhoraram porventura as cousas d'então para cá? Não o crêmos. Sabemos bem o que valem e o que significam todos esses melhoramentos que não fazem senão aggravar o mal, embora momentaneamente nos dêem a illusão d'um progresso conseguido.

Para resumir. Como demonstração da completa inutilidade d'essa mystificadora instituição, a assistencia publica, vejamos o exemplo que nos é fornecido pela França. Este paiz gasta annualmente com 1:449.000 indigentes 33 milhões de

francos. Que sejam absorvidos por despesas administrativas 5 milhões de francos, restam-nos 28 milhões, que são aproveitados em soccorros. São 20 *francos annuaes* que recebem, em média, os pobres beneficiados.

Parece-nos que, em vista da logica de ferro de semelhantes argumentos, os mais optimistas devem concordar que a tão decantada beneficencia social é bem grotesca e irrisoria.

Viverão porventura mais desafogadamente os 58 milhões de proletarios, que não são incluidos pelo Estado nas estatisticas do pauperismo legalmente reconhecido? Não. A existencia d'esses famintos arrasta-se tragicamente, ao embate de todos os dilacerantes açosos d'um *struggle for life* impiedoso e feroz. Desde que a luta pela existencia se arvorou em condição *sine qua non* do progresso humano; desde que os economistas modernos guindaram ás culminancias de suprema lei da vida social um *sophismado* principio de selecção de Darwin, a victoria e a persistencia do mais apto; que poderiam fazer os abandonados da sorte, os desprovidos dos mais imprescindiveis meios de successo? Sêrem esmagados ou deixarem-se explorar, dia a dia, hora a hora, procurando d'esta fórma protelar por algum tempo a decadencia ultima, o mallôgro de toda a resistencia physica e moral.

Tem sido effectivamente essa, toda a peregrinação da humanidade soffredora através dos

seculos. D'onde a onde, n'um impeto de colera reprezada, saccode fortemente a aviltante oppressão dos dominadores; mas, inconsciente ainda nos processos de reivindicação, dobra os joelhos, para cahir de novo escravizada e vencida. Assim, Spartacus ameaçando a Roma dos Cezares é, na sombria sobriedade do seu gesto de revoltado, a personificação bem empolgante da profunda miseria do mundo antigo. Na Edade Media as *Jacqueries* com todo o seu ensanguentado cortejo de horrores, traduzem-nos a fome allucinante d'esses torturados, os servos de gleba. E o que são a Revolução de 89, a gloriosa Communa de 71 e todos esses movimentos insurreccionaes contemporaneos, senão a dynamisação tragica d'um mal-estar geral, de todo um soffrimento reprezado mas sempre vivaz e irreprimivel?

Mas a organização da sociedade d'hoje, baseada fundamentalmente na distincção e lucta das classes e na propriedade individual, não é simplesmente a causa de tamanha miseria. Arrasta comsigo muitos outros males sociaes, como sejam a prostituição e o crime.

Dizia já Fleury: «Prostituée est une femme, qui étale publiquement ses charmes et fait marchandise de son corps.» D'esta maneira já implicitamente reconhecia a causa social da prostituição. Se o homem tem experimentado duramente

as consequências d'uma luta *à outrance*, a mulher, essa, violentada e submettida a um jugo inflexível, de pouco lhe tem valido toda a gracilidade da fôrma, toda a magia da sua sensualisante belleza.

Considerada sempre inferior ao homem, ella tem sido banida de toda a communhão n'um grande ideal de justiça e felicidade. Por isso a vemos subalternisada, envilecida, inferiorisada geralmente nas variadas manifestações da sua actividade mental. Já Schopenhauer, do alto do seu azêdo pessimismo, denominava o sexo feminino, *o sexus sequior*. Chamfort considerava as mulheres como qualquer coisa de extranho, de prejudicial ao homem: «Ellas são feitas para commerciareem com as nossas fraquezas, com a nossa loucura, mas não com a nossa razão. Existem, entre ellas e os homens, sympathias de epiderme e muito poucas sympathias de espirito, d'alma e de caracter.»

E' essa inferioridade na luta e muitas vezes a aguilhoante miseria que frequentemente lança na prostituição grande numero de mulheres. Abstrahimos, é claro, de todas essas nevroticas que vão, sedentas de goso, buscar em spasmodicas sensualidades a acalmção dos seus nervos desequilibrados. Essas, embora victimas sociaes, são-no por um mechanismo um pouco differente. As suas taras nevropathicas já são a resultante hereditaria d'uma acção social que se transmite

a distancia, sob uma feição propria, embora fundamentalmente a mesma.

A prostituição tem sido, em todas as epochas, uma das exteriorisações mais nitidas da nefasta influencia do meio social. Assim, entre os hebreus, os gregos, os romanos e demais povos da antiguidade, a prostituição, como a devassidão e libertinagem que d'ella dimanam, attingiram grandes proporções.

Na Grecia chegou a chamar a attenção dos legisladores; mas, como era de prever, o Estado nada pôde conseguir, persistindo todo o desregramento anterior. A prostituição tem fortes raizes no meio social ambiente e na vida sexual do homem, para que possa ser extirpada a golpes de leis coercitivas. Solon chegou a levar o excesso das suas leis de repressão a ponto de, á mulher que se prostituísse, serem negados os fóros de cidadã e cerceados os direitos dos seus descendentes! As *cortezãs*, tanto na Grecia como em Roma, eram tiradas em geral d'entre as escravas, sendo torpemente exploradas pelos seus senhores, que ou as vendiam ou as alugavam.

Em Roma a prostituição foi enorme. A devassidão foi tão desenfreada nas classes superiores que até a purpura imperial se não eximiu a soffrer o lascivo contacto da *canalha de Roma*. Julia e Messalina desciam muitas vezes aos antros mais infimos da cidade dos Cezares, para ahi saciarem, sôffregas, a sua sensualidade inexaurível.

...et lassata viris, sed non satiata recessit.

Dizia Mirabeau: «C'est une grande abomination que de voir, chez les nations chrétiennes, la prostitution tolérée: c'est une infamie; il n'y a pas de nom pour caracteriser une police aussi exécrationnelle

...Jetez dans des ateliers de basse justice les misérables créatures qui empoisonnent le crime et vendent le double venin des âmes et des corps à des malheureux, dont l'existence éprouve par ce commerce abominable tous les genres de dégradation.»

Todavia, quão longe estava Mirabeau da causa do mal e portanto da verdadeira therapeutica a seguir! Na organização actual da sociedade, é uma consequencia logica e uma triste necessidade a existencia da prostituição. Sem ella, como teriam desafôgo tantas paixões reprimidas por uma abstinencia forçada, em virtude da artificialidade que preside ás relações sexuaes! Preferiremos sempre todos os males que resultam da prostituição, aos males que dimanam d'uma abstinencia forçada. Quando a mulher não tiver de mercadejar o corpo para comer ou para adquirir o necessario á vida, verão como a prostituição diminuirá consideravelmente. Forçoso é tambem que a união entre os dois sexos seja perfeitamente livre, sem as peias que no momento presente entravam a realisação de toda a felicidade.

E, seja dicto de passagem, de forma alguma poderêmos acceitar a draconiana interferencia policial na prostituição.

A syphilis tem sido o phantasma negro com que se procura legitimar todas as prepotencias e barbaridades cometidas contra as mulheres publicas. O receio d'uma syphilisação geral, eis o grande argumento de todos os que defendem as medidas mais rigorosas e aviltantes contra a liberdade individual. E, comtudo, quão illusorias e inefficazes são as medidas adoptadas! Acaso o diagnostico da syphilis é tão simples e tão facil de estabelecer? Se toda a prostituta syphilitica deve ser enclausurada, porque não usar do mesmo processo com os homens infectados? E porque não prender tambem todos os tuberculosos incuraveis?

Decidamente, não é coarctando a liberdade individual que se combatem os terriveis effeitos da contagiosidade da syphilis.

E' preciso resgatar e rehabilitar a *mulher publica*, crédôra da nossa sympathia, pela vilipendiada vida de opprobrio que lhe arrasta a organização da sociedade d'hoje.

Terminaremos esta rapida referencia á prostituição, com a transcrição das palavras tão doloridamente sentidas de Edmond Potier na «*Humanité Nouvelle*»: Rien n'egale le malheur des Filles; aucun être au monde n'est plus digne de pitié que la «*Fille soumise*»..., soumise à tout.

Martyrisée, traquée, honnie, jetée en prison à tout moment, reniée de sa famille, sans amis, exploitée par tous, sa situation est sans issue. Cet esclavage ne se termine que par le suicide, l'assassinat ou la honte des «Bons-Pasteurs».

Um dos grandes males derivados da miseria e que vae ulcerando e corroendo a humanidade, tornando-a por vezes bem irreconhecivel e extranha, é sem duvida o crime. Mas o que é o crime?

A ideia de crime vae evoluindo com o sentimento moral do homem. O que hontem era considerado uma acção criminosa, ámanhã poderá ser um acto util e bom. O que n'um determinado paiz é julgado um crime, n'um outro será um procedimento louvavel, uma manifestação de bondade. O que nos paizes civilisados se chama um acto criminoso, é ainda hoje nos paizes selvagens um feito honroso e honesto. Nada mais relativo ao tempo, ao lugar, e ao grau de civilisação, como a noção de crime.

Deixêmos todavia estas considerações sobre o que se dêva entender por crime, e vejamos como a miseria entra na sua producção.

Todos os actos psychicos, ideias, sentimentos, volições, são necessariamente determinados. O acto volitivo obedece, como todos os phenomenos, a um certo numero de condições que rigorosa-

mente o definem e determinam. Essas condições dependem do *meio individual*, do *meio cosmico* e do *meio social*.

O acto volitivo, e no nosso caso o crime, não é senão a exteriorisação dynamica d'um estado material, d'um modo de sêr particular do systema nervoso, determinado por esses trez factores. Qualquer d'elles pode tornar-se predominante sobre os outros e assim imprimir á acção criminosa uma feição propria.

Mas todos elles contribuem d'uma maneira mais ou menos poderosa para a ecclosão do crime. Se o factor individual é o mais poderoso, terêmos os casos anormaes, os casos pathologicos, de degenerescencia. Quando o factor social é o mais intenso, dar-se-ha o que Manouvrier denomina a génese normal do crime. O criminoso será um sêr physiologico, perfeitamente normal, mas a quem o meio social forçou a delinquir.

Abandonêmos, porém, o crime determinado por condições anormaes, pathologicas. Esse não é propriamente o que nos interessa d'uma maneira directa, embora muitas vezes essas organizações degeneradas sejam a resultante de acções sociaes exercidas já na ascendencia.

Esses individuos são apenas doentes, de cerebro morbidamente constituido, com os seus estigmas de degenerescencia. Comtudo, longe de nós admittir, como Lombroso, estigmas proprios de criminalidade. Os estigmas que se encontram

nos criminosos, são communs a toda a degenerescencia, como o affirma Féré; não podem caracterisar um typo criminal.

São as causas sociaes as que mais estreitamente se ligam ao nosso assumpto e são essas as que trataremos de pôr em evidencia.

A miseria é incontestavelmente uma das determinantes mais poderosas da criminalidade. Sirvam-nos de subsidio demonstrativo as curvas traçadas por Denis, em que a fome e a criminalidade variam d'uma maneira analoga.

As curvas do professor italiano Ferri, traduzindo o augmento e o abaixamento da criminalidade em correspondencia com o crescimento ou diminuição da quantidade de subsistencias, provam tambem a importancia do factor social.

A interpretação d'estes factos é bem simples. Quando as necessidades geraes são melhor satisfeitas, cessam de existir muitas das circumstancias impellindo ao crime; quando pelo contrario as difficuldades na alimentação tendem a crescer, é claro que a criminalidade augmentará. E' por isso que, em annos de maior abundancia nas colheitas, etc., os crimes contra a propriedade privada serão em menor numero; quando, porém, o anno fôr escasso em subsistencias, essa especie de crimes augmentará intensamente.

Nas condições d'existencia da sociedade d'hoje, separando violentamente os homens n'uma encarniçada lucta de classes, não nos devemos

admirar que o crime seja muita vez o protesto contra a organização social. O crime deriva necessariamente do regimen da propriedade individual e da miseria, sua consequencia forçada.

As doenças profissionaes, as falsificações de generos alimenticios, a viciação dos elementos mais uteis á vida, a má habitação, contribuindo para a génese de tantas doenças, como a tuberculose, etc.; as pessimas condições de trabalho provocam a decadencia physica e mental da sociedade d'hoje. A miseria social produz a miseria physiologica e esta arrastará, sem duvida, a ruína e a deformação do individuo. A miseria physiologica dará origem aos neurasthenicos, epilepticos, alcoolicos e a todos esses degenerados, victimas necessarias da organização actual da sociedade. D'aqui se conclue a importancia extrema da miseria na etiologia do crime.

Poderiamos ainda alludir ao suicidio e ao alcoolismo, como directamente determinados pela miseria, mas isso é tão evidente, que nos dispensamos d'uma demonstração circumstanciada.

*

Toda esta miseravel vida social não é mais do que a consciencia logica d'uma precaria e lamentavel vida individual. São factos bem indissoluvelmente ligados, para que possamos estudar um independentemente do outro. O que é a vida

d'uma sociedade senão a resultante de todas as existencias individuaes? E o que é tambem a vida individual senão uma derivada do meio social ambiente? Alludir a uma é implicitamente invocar a outra.

Por isso e mui logicamente, a uma transformação no meio social succederá tambem uma modificação no individuo; uma vez melhorada a vida do individuo, a sociedade' será, a seu turno, alterada beneficamente.

Estudemos pois com detalhe as deploraveis consequencias que dimanam das condições mesologicas da sociedade d'hoje.

Um dos funestos effeitos da luta *à outrance* que caracteriza a vida contemporanea, é, sem duvida alguma, o *esfalfamento*, tanto physico como mental. Ferozmente empenhados n'uma luta terrivel, tendo sempre diante dos olhos a inexoravel ameaça de Breno, *væ victis*, vamo-nos trucidando raivosamente, na allucinação do desespero, arrastando-nos, de fadiga em fadiga, para cahirmos por fim, exhaustos de canção, n'um esfalfamento profundo e aniquilante.

Como sempre, são as classes inferiores as que mais soffrem. Em pessimas condições de resistencia, serão ellas as mais intensamente atingidas.

Procuremos todavia estudar d'uma maneira mais intima todas as circumstancias etiologicas e pathogenicas, que favorecem o esfalfamento physico.

A idade é um dos seus factores mais importantes. E' de sobejo conhecido o extraordinario numero de menores que trabalham nas fabricas e ateliers em condições hygienicas as mais precarias e deploraveis. Alem d'isso a creança e o adolescente não téem ainda o vigôr necessário a um trabalho penoso e violento. De maneira que, n'estes casos, o esgotamento installa-se rapidamente, indo repercutir-se lamentavelmente em toda a vida do individuo.

O adulto apresenta mais frequentes vezes os effeitos do esalfamento, porque é o que mais directamente soffre as consequencias d'um trabalho longo e forçado. Nos velhos, os accidentes a que o esalfamento dá lugar, adquirem uma gravidade extrema, attendendo á sua fraca resistencia.

Nas mulheres os effeitos do esalfamento também se fazem sentir duramente, pois que, só á custa d'um trabalho bem arduo, conseguem muitas vezes os minguados meios de subsistencia.

Vivendo n'um seculo de industrialismo desenvolvido, em que a machina attingiu proporções formidaveis no seu desenvolvimento, o operario, em lugar de vêr a tarefa simplificada e restringida, têve de redobrar de esforços, peiorando consideravelmente as suas condições de resistencia. A machina não só augmentou a duração do trabalho, mas, baixando o preço do producto industrial, contribuiu para a baixa do salario.

Alem d'isso não é só o excesso de trabalho que esfalpa. A falta de repouso e de somno contribue em elevado grau para esse resultado. Sendo o somno o estado em que se produzem menos toxinas, como o demonstrou Bouchard, e sendo o esfalfamento causado por uma auto-intoxicação, comprehende-se com facilidade que importancia possa ter o somno sob este ponto de vista. Quanto mais se trabalhar e menos se dormir, mais se favorece a formação dos venenos organicos, que vão constituir essa auto-intoxicação.

As mudanças subitas e forçadas de profissão tambem fornecem subsidios para a explicação de muitos casos de esfalfamento. Um individuo habituado a um certo trabalho, se por quaesquer circumstancias da vida se vê na necessidade de adoptar uma nova occupação, tem naturalmente de fazer aturados esforços para se adaptar a esse novo genero de trabalho. D'ahi a fadiga e, como *aboutissant*, o esfalfamento.

E' Helmholtz que nos explica a razão d'este facto. N'um individuo habituado a uma determinada profissão são apenas uns certos musculos que trabalham, não se dando o mesmo caso com uma profissão differente, que exige um esforço muscular muito mais consideravel.

A accrescentar a todas estas circumstancias, favorecendo e conduzindo ao esfalfamento, ha ainda a notar todas as causas de depauperamento organico, tão communs nas massas proletarias,

como sejam o neuro-arthritis e determinadas doenças de forma chronica, como a tuberculose. Taes individuos, obrigados a trabalhar para fugir á miseria, estão, é claro, mais predispostos que ninguem a soffrer a acção da fadiga e consequentemente a esfalfarem-se.

O esfalfamento physico pode ser causa *efficiente* de doenças ou causa *predisponente*.

Tem sido porem contestado o valor d'esta classificação relativa aos accidentes do esfalfamento, não admittindo alguns pathologistas que elle possa por si só determinar estados morbidos. Sempre que sobrevenha qualquer alteração pathologica, devemos pensar n'uma infecção intercorrente, e, caso esta não exista, na ecclosão de qualquer predisposição até ahi latente. Comtudo, Marfan affirma-nos, d'uma maneira cathgorica, a existencia de perturbações morbidas onde o esfalfamento deve ser unica causa invocada, como determinando-as directamente.

Seja como fôr, o que é incontestavel e perfeitamente estabelecido pela sciencia, é a produção de grande quantidade de doenças que em extremo contribuem para o mal-estar social.

Entre os mais conhecidos accidentes produzidos por um trabalho excessivo, podemos citar as *febres de esfalfamento*, com as diversas fórmulas clinicas: a fórmula *pseudo-rheumatismal*, e a fórmula *cardiaca*. Nas creanças e nos adolescentes podemos apontar ainda a denominada *febre de*

crescimento, que parece estar bem demonstrado actualmente sêr determinada tambem pelo esalfamento physico.

Como causa predisponente de doenças, o esalfamento pôde produzir: a *osteomyelite dos adolescentes*, *endocardites infecciosas*, a *infecção purulenta medica*, *tuberculose*, *escorbuto*, etc.

Além d'isso os individuos esalfados estão mais predispostos a soffrerem a acção das temperaturas extremas.

Nota-se portanto uma maior frequencia de casos de golpes de frio e de calor, nas classes sujeitas a um trabalho aturado e esgotante.

Até agora os accidentes produzidos pelo esalfamento physico. Mas não param aqui as tristes consequencias do estado de lucta, que caracteriza a nossa existencia social.

Onde se faz sentir a sua influencia deprimente e nefasta d'uma maneira intensa é, indubitavelmente, na vida cerebral das gerações contemporaneas.

Impellidas implacavelmente ao combate, téem de soccorrer-se de todos os recursos, para se não deixarem vencer pelo desanimo ou cederem por fim n'um ultimo esforço. As chamadas carreiras liberaes são as que mais contribuem para o grande numero de casos de esalfamento mental.

Este toma diversas feições. E' intellectualmente ou moralmente que um individuo pôde ser ferido na sua organisação cerebral.

Ao prodigioso desenvolvimento de todas as sciencias succedeu uma ancia febricitante de saber. D'aqui um trabalho continuo, desmedido, e portanto a fadiga, e muitas vezes a fallencia das faculdades cerebraes.

Mas a sciencia não é apenas a satisfação de legitimas aspirações intellectivas d'alguns; é também um valioso auxiliar no combate, uma probabilidade de victoria.

Por isso os que podem obter essa superioridade sacrificam-lhe muitas vezes a hygidez da sua vida cerebral. Para os que conseguem triumphar, conquistar enfim uma posição desafogada, quantos fracassos na sua existencia intellectual e moral representa a victoria! Para os esmagados, os vencidos, a decepção e o desespero da derrota, bastavam a explicar por si só a enorme decadencia, que ameaça toda a sua vida cerebral.

E' extremamente interessante o estudo da influencia profunda que exerce o esfalfamento mental na ecclosão de muitas doenças phisicas e somaticas. Mas afastar-nos-iamos muito do nosso programma, se tentassemos fazer esse estudo detalhadamente. Citaremos apenas entre as principaes doenças produzidas d'uma maneira directa ou indirecta pelo esfalfamento mental: a *neurasthenia*, a *choréa*, a *paralysis agitante*, a *hysteria*, etc. E' claro, estas perturbações requerem já uma predisposição hereditaria. O esfalfamento

vae provocar a manifestação d'uma doença, que já existia no estado larvar.

*

Estamos finalmente no termo do nosso primeiro capitulo. Julgamos ter dito o bastante para poder affirmar desassombradamente que a miseria, determinada pela organização da sociedade actual, é a causa de tantas enfermidades sociaes, como sejam: o pauperismo, a prostituição, o crime, o suicidio, o alcoolismo, o esfalfamento physico e mental.

Quaes são as consequencias ultimas de toda esta miseravel vida physica e moral? Necessariamente um enfraquecimento, um depauperamento organico profundo, que vae affectar indelevelmente as gerações futuras. As leis da hereditariedade são inflexiveis e inexoraveis. Como poderão succeder a pessimos geradores, productos são? Os descendentes serão cada vez mais inferiorisados na sua vitalidade, e a especie cada vez mais se approximarà d'um anniquilamento fatal e irremediavel.

A degenerescencia progressiva a que é votada a especie humana, caso persistam as causas actuaes de decadencia organica, porá termo a essa lucta desvairada em que se empenha toda a humanidade. E' necessaria uma forte reacção contra essa corrente de insania e infortunio, que

fere mortalmente as sociedades contemporaneas. E essa reacção dá-se felizmente em todos os espiritos. A humanidade ha de sem duvida tomar a direcção consciente e livre de toda a sua evolução para um grande ideal de justiça. E, embora essa luta temerosa, fonte de tanta desgraça e ignominia, persista ainda, envilecendo-nos a vida, a humanidade ha de purificar-se no banho lustral d'uma redempção benefica e libertadôra. Então poderemos dizer com Elisée Reclus: «Quand il n'y aura plus à regarder le repu d'un œil d'envie, l'amitié naturelle pourra renaître entre les hommes, et la religion de la solidarité, étouffée anjourd'hui, prendra la place de cette religion vague qui dessine des images fuyantes sur les vapeurs du ciel.»

CAPITULO II

AS CONQUISTAS DO HOMEM—AS NOSSAS RIQUEZAS—A CULTURA INTENSIVA, A FABRICAÇÃO CHIMICA DOS ALIMENTOS—CONTRASTE ENTRE A RIQUEZA E A MISERIA—ACCUMULAÇÃO DAS RIQUEZAS NAS MÃOS D'UMA PEQUENA MINORIA—A ABUNDANCIA PARA TODOS—EXPROPRIAÇÃO—SOLIDARIEDADE—A CIDADE FUTURA.

La nature n'a fait ni serviteurs ni maîtres.
Je ne veux ni donner ni recevoir des lois.

DIDEROT.



P. Kropotkine.

Apezar de toda essa dolorida miseria vivida pela humanidade, atravez de seculos, quanto poderio gigantesco tem sido arrancado ás forças naturaes! Como contrasta nitidamente com a miseria d'hoje todo esse amontoado de riquezas incalculaveis, que se espargem, exhuberantes, sobre a superficie da Terra!

Todo esse capital immenso tem sido conseguido pelo trabalho do homem. O seu esforço

contínuo e persistente tem ido, durante milhares e milhares d'annos, conquistando á natureza os seus segrêdos reconditos.

O homem, que primitivamente não deixava a seus filhos senão a herança miseranda d'um silex mal afeiçoado, junto á desolante mesquinhice d'uns utensilios de pedra tosca e mal talhada, foi, a pouco e pouco, augmentando os parcos recursos capitalizados, para, d'ahi a seculos, nos surgir forte na legitima altivez de todo o seu poderio e de toda a sua riqueza. Desbravou o sólo inculto, arroteou-o, saneou os pantanos, penetrou adentro das florestas mais fechadas, construiu estradas e, a breve trecho, a extensão doirada das messes cobria parte da superficie da Terra. E a herança legada ás gerações futuras foi assim augmentando, enriquecendo o patrimonio dos nossos primeiros paes.

O humus foi recolhendo em seu seio a secreta latencia dos germens, absorvendo, tranzido, a vivificante quentura dos raios solares. A agua, desviada das tôrvas correntes estrondosas, foi arterializando-se por entre as raizes sedentas, repassando-as da lactescente alvura da seiva. Os fructos fôram perdendo a acre acidez primitiva, para adquirirem, na sua succulencia polposa, o mais fino sabôr; as folhas expandiram-se, luxuriantes, na chlorophyllinea coloração dos seus limbos, purificando o ar e sanificando a vida; os caules elevaram-se aos ceus na flexidez ondulante

da sua rigida e lenhosa consistencia; e as proprias raizes, no seu soterrado esconderijo, transformadas muitas na sua organização structural, forneceram ao homem a feculenta reserva nutridora.

Conquistou o homem tambem a superficie dos mares. Foi esse um dos maiores progressos, uma das acquisições mais valiosas para o thesouro das riquezas humanas. Sulcou-lhe a revolta agitação das aguas, em todos os sentidos, de norte a sul, de leste a oeste, n'uma ancia insoffrida de conhecimento e d'aventura. E do seio dos oceanos irromperam novas ilhas, novos continentes. Emigrou para paizes desconhecidos, levando o trabalho fecundo, o poder genial da sua iniciativa, colhendo mais riqueza, firmando ainda mais o seu dominio.

Desceu á profundeza da terra e dos mares. As minas entreabriram-se para lhe fornecerem, na hulha, a energia solar accumulada ha milhares d'annos. O ouro, a prata e os outros metaes trahiram os seus filões inexhauriveis para, submissos na sua malleabilidade, se adaptarem a todos os seus caprichosos designios. Os mares patentearam-lhe um mundo novo, cheio de vidas mysteriosas, de preciosidades ainda não phantasiadas.

O vapor e a electricidade: eis as conquistas formidandas do homem moderno.

A transformação da energia calorifica em ener-

gia mechanica veio mudar de *fond en comble* a face do mundo. Milhões de machinas vieram augmentar prodigiosamente a quantidade da força productora. É inconcebível a aceleração na marcha do progresso da humanidade com a descoberta de Watt. Centuplicaram-se mil vezes os productos industriaes, encurtaram-se distancias, intensificou-se toda a vida humana.

A electricidade dá-nos, na multiplicidade das suas applicações, das suas modalidades, um sem numero de factos extraordinarios, assombrosos de imprevisto. Hontem surgia-nos o telegrapho, a lampada de incandescencia; hoje, o téléphono, o arco voltaico. E novas energias se esboçam vagamente. A energia psychica dentro em breve fornecerá novos elementos, recursos ignorados. A suggestão, o hypnotismo, a telepathia, o mundo dos sonhos, serão em curto espaço do dominio pleno do homem, irão engrossar a somma enorme das suas riquezas.

Não se detéem aqui as conquistas humanas. Na industria poder-se-ha quadruplicar d'um momento para outro os productos manufacturados, artigos de vestuario, utensilios de todo o genero, objectos imprescindiveis á vida.

Mas na agricultura succederá tambem o mesmo? Poderá o homem augmentar consideravelmente a productividade do sólo?

Já ha muito tempo que se respondeu pela affirmativa; demonstrando-se essa possibilidade.

«Le laboureur, affirme Kropotkine, *possède déjà* les moyens de quadrupler, sinon de décupler sa production, et il pourra le faire dès qu'il en sentira le besoin et procédera à l'organisation sociale du travail, en lieu et place de l'organisation capitaliste.»

O agricultor deixou de ser o aldeão bisonho e embrutecido d'outras éras, abandonando ao acaso a germinação do trigo mal joeirado, sujeito a todas as vicissitudes d'uma bôa ou má estação e esperando n'uma angustia indizível o que a natureza lhe quizesse fornecer.

O agricultor dos nossos tempos tem uma noção mais larga e muito mais completa da sua missão. As suas ideias e as suas concepções sobre o tratamento do sólo são mais perfeitas, mais grandiosas. Procura *fazer* o sólo, independentemente das estações, emancipado do clima. Aquecendo o ar e a terra em tórno da sementeira que germina, sabe apressar a evolução dos germens, encurtar todo o periodo de crescimento da nova planta. Emfim, o agricultor poderá fazer a colheita n'um hectare de terreno, da mesma quantidade de productos que outr'óra exigiam a extensão de 50 hectares.

Esta proporção dá-nos bem a superioridade e as vantagens da cultura *intensiva* sobre a *extensiva*. Outr'óra quando se pretendia colher uma somma maior de productos agricolas, augmentava-se a extensão do terreno cultivado. Hoje, não.

Procura-se obter esse augmento da quantidade dos productos, na mesma extensão de terreno, graças a um arroteamento cuidadoso e a adubos chimicos apropriados.

Além d'isso, a importante influencia do clima é muito reduzida. Com o auxilio de correntes d'agua aquecida, passando em tubos de ferro atravez do sólo, consegue-se manter este a uma temperatura constante e assim apressar a germinação.

A acção dos raios solares tambem pôde ser modificada por meio de coberturas de vidro, que podem aproveitar uns determinados raios, com exclusão dos outros.

E os prodigiosos resultados que serão obtidos da cultura intensiva, desde que seja applicada á agricultura toda essa immensa quantidade de machinas agricolas e utensilios de toda a especie, fabricados pela industria moderna? A imaginação perde-se se intenta calcular, por larga approximação que seja, a grandeza de tamanha conquista.

Quando iniciámos os nossos estudos sociaes e viemos ao conhecimento da cultura intensiva, abriu-se-nos deante dos olhos um mundo novo. A descoberta de Liebig, a theoria chimica da agricultura, foi para nós uma revelação. Ella representa a destruição d'uma incognita no grande problema da Felicidade humana.

Achada porventura que seja, a producção illimitada do sólo, não teremos demonstrada a pos-

sibilidade da *abundancia para todos*? E a cultura intensiva veio dar-nos a certeza absoluta da realização d'esse sonho, desde que todas as energias se aproveitem, desde que todos prestem o seu concurso consciente e livre. A *joie de vivre* não será apenas uma utopia de cerebros encandecidos, para ser uma esperança legitima, uma justa aspiração.

Foram os profissionaes, os technicos, que abriram estes largos horisontes á humanidade. Jardineiros ingleses, rendeiros flamengos, cultivadôres dos campos de Jersey, de Guernesey, das ilhas Scilly, hortelões de Paris, de Troyes, de Rouen, caminhando na senda da descoberta de Liebig, conseguem imprimir uma feição nova a toda a vida do homem. No meio-dia da França e nos fertilisimos terrenos do Oeste americano, onde predominava ainda a cultura extensiva, os proprietarios apenas recolhiam 10 a 12 hectolitros de trigo por hectare. No norte da França, onde a cultura intensiva se faz com um grande impulso, a colheita foi em média de 50 a 56 hectolitros por hectare. Esta, a logica esmagadôra e serêna dos factos.

Mas o que foi conseguido com relação ao trigo, obtêve-se tambem com os fructos e os legumes. Assim M. Ponce, citado por Kropotkine, colheu n'um anno 125.000 kilos de fructos e legumes, na extensão d'um hectare e um decimo.

Eis os preceitos adoptados pelos hortelões de Guernesey e Inglaterra na sua cultura intensiva.

«1.º Semer sous châssis, elevar les jeunes plantes dans un sol riche, sur un espace limité, où l'on puisse les bien soigner et les repiquer plus tard, quand elles auront bien développé le chevelu de leurs racines. Faire, en un mot, ce que l'on fait pour les animaux: leur donner des soins dans leur jeune age.

Et 2.º, pour mûrir les récoltes de bonne heure, chauffer le sol et l'air, en couvrant les plantes de châssis ou de cloches et en produisant dans le sol une forte chaleur par la fermentation du fumier.

Repiquage, et temperature plus élevée que celle de l'air, voilà l'essence de la culture maraîchère, une fois que le sol a été fait artificiellemente.»

Não podemos estar a pormenorisar, nos seus detalhes, os processos da cultura intensiva, porque isso levar-nos-ia muito longe. Basta frizar, por agora, a importancia capital que ella tem sobre a criação de gado; bois, vaccas, cavallos, carneiros, etc. Comprehende-se bem o notavel alcance que possa ter para a alimentação do gado, a renovação ininterrupta de pastagens, em todas as épochas do anno e em todas as latitudes.

O capitulo *A Agricultura*, na Conquista do

Pão, de Kropotkine, d'onde estas ligeiras noções são extrahidas, dará uma impressão perfeita e completa sobre este assumpto, tão fecundo nas suas consequencias sociaes.

Mas estas formidaveis conquistas na produção agricola, feitas pelo homem moderno, não se detém aqui. Irão determinando sempre novas acquisições, abrindo horisontes mais amplos, onde se possa expandir a nossa actividade. E a riqueza capitalisada, o thesouro da humanidade irá crescendo cada vez mais, e um dia virá em que hade proporcionar-lhe a felicidade.

Novas fontes de energia se descobrem e novas riquezas surgem. A cultura intensiva ainda não esgotára todos os recursos do seu enorme poderio, e já se nos depara, embryonaria ainda na sua existencia, a *fabricação chimica dos alimentos*.

São do grande chimico francez, Berthelot, as palavras seguintes :

«Comtudo, vêmos n'este momento despontar a aurora d'uma nova revolução, mais radical talvez que a da agricultura, na alimentação do homem. A chimica, desenvolvendo sem limites a audacia das suas descobertas, pretende hoje fabricar os alimentos e substituir ás industrias agricolas, todas fundadas sobre a produção dos sêres vivos, animaes e vegetaes, a criação inteira das materias nutritivas. Ás herdades succederiam as fabricas; aos camponezes e aos lavra-

dores, os engenheiros e os mechanicos. Seria uma transformação não só industrial mas social mais profunda que as que a raça humana atravessou desde os tempos historicos.» (artigo publicado no *Temps*, a 26 de Junho de 1902).

Uma vez conseguida a fabricação chimica dos alimentos, onde poderá librar-se o poder illimitado do homem? Qual será a culminancia de toda a sua riqueza, de todo o seu saber?

Comtudo, (suprêmo dos contrastes, angustioso sarcasmo!) a miseria existe, nêgra e temerosa na realisação tragica de todos os instantes. Apesar de existirem, como foi demonstrado irrefutavelmente por Kropotkine, *o dôbro dos productos agricolas e o triplo dos productos industriaes que são precisos para satisfazer as necessidades da humanidade inteira*, milhões e milhões de miseraveis rebentam de fome á superficie da Terra. E isto porque?

Isto resulta unicamente da organização da sociedade actual.

O sólo, herança e propriedade commum, acha-se nas mãos d'um pequeno numero, na posse d'uma diminuta minoria. Estes verdadeiros senhores feudaes, possuem extensões territoraeas enormes, onde poderiam viver largamente milhares e milhares de individuos.

Na Inglaterra os dois terços do sólo pertencem a 10:000 pessoas sómente. Na Escossia 10 proprietarios dividem entre si um terço da superficie

do sólo. Na Irlanda, grande parte de extensão territorial é possuída pelos *Landlords*.

Não se julgue, porém, que a Inglaterra é o unico paiz onde isto succede. Na Allemanha, na Austria-Hungria, na Roumania, na Russia, na Italia, na Hespanha, a situação é identica. A grande propriedade é um facto dominante e generalizado a toda a Europa.

A França, a um simples e rapido exame, parece ter uma repartição mais egualitaria do sólo. Com effeito, computam-se em 20 milhões os proprietarios territoraes. Pode imaginar-se portanto que em França a grande propriedade tende a desaparecer. Isso é um erro. D'esses 20 milhões de individuos, 4 milhões não pagam imposto, justamente por causa da extrema exiguidade do terreno de que são proprietarios. Além d'isso, é preciso notar que o numero de individuos que entre si reparte o sólo francez, por si só nada significa. O que é de capital importancia, é saber como esse sólo é dividido.

Em 1884, a *propriedade muito pequena* (o a 5 hectares), contava de extensão total, 11 milhões de hectares sobre 49 milhões, isto é, abrangia 22 % da superficie do sólo.

A *pequena propriedade*, (5 a 10 hectares) era de 6 milhões de hectares, isto é, 12 % do terreno total.

A *propriedade média* (10 a 50 hectares) tinha 14 milhões de hectares ou 29 % do terreno total.

A *grande propriedade* (50 a 100 hectares e mais) possuía 17 milhões de extensão territorial ou 35 % do sólo.

Comparando, pelas estatísticas, a importancia do imposto que incidia sobre as classes respectivas de proprietarios, chega-se á seguinte conclusão: A pequena propriedade é possuída por *milhões* de individuos, a média por *alguns cem mil*, e a grande propriedade por *alguns milhares* apenas.

Em resumo: a conclusão ultima a tirar é que *a grande propriedade occupa mais d'um terço do territorio francez*. D'aqui se infere que a situação na França não é mais favoravel que a dos outros paizes.

Nos Estados-Unidos do Norte ha 29 capitalistas que possuem nada menos de 8.500.000 hectares de terreno americano.

Como vimos, a grande propriedade existe por toda a parte, na Europa, na Asia, na America na Australia, etc. Eis uma das grandes determinantes da miseria actual. Emquanto uns nadam e se submergem n'um luxo faustoso, outros nada possuem, agonisam famintos e nus.

O que se disse para a propriedade territorial póde estender-se á propriedade urbana. São demasiadas conhecidas essas fortunas colossaes, como as do duque de Malborough, do marquez de Salisbury, do duque de Northumberland, do marquez de Hertford, etc., e as dos grandes ar-

gentarios americanos, para nos demorarmos na sua enumeração circumstanciada.

As minas e as fabricas tambem estão na mão d'um numero muito restricto de capitalistas europeus e americanos. As grandes empresas de navegação, caminhos de ferro, etc., tudo se amontôa nas mãos d'uma pequena minoria.

*

Enumeramos, a largos traços, tudo o que possuímos, tudo o que a humanidade deveria partilhar em commum, na repousante serenidade d'uma harmonia universal. Mas a divisão do bem commum, a propriedade individual, trazendo, como consequencia forçada, o antagonismo de classes, veio viciar toda a organização da sociedade d'hoje.

Emquanto existir este regimem social, o homem nunca poderá conquistar a verdadeira felicidade. Acaso possuindo toda a riqueza da Terra, alguém poder-se-hia considerar feliz, vendo a seu lado tanto infortunio e tanta dôr? Além d'isso, essa supposta felicidade seria sempre incompleta, emquanto houvesse a necessidade de a defender contra os ataques da grande massa de famintos. Embora o egoismo da classe preponderante lhe cerre os olhos á luz fulgurante da verdade, quantas vezes no recanto mais escuso da consciencia, devem reconhecer a grandeza do seu crime, a injustiça da sua impudencia!

Como a alma se lhes deve cobrir de sombras,
a esses dominadores, quando, no auge do prazer
e do gôso, sentirem fustigar-lhes as faces o la-
mento accusador de milhões de bôccas esfomea-
das e hiantes! Emquanto elles, ao despontar da
alvorada, se deixam cahir, exhaustos de cansaço,
na branda quentura do leito, saciados da vida
que lhes não recusa todas as delicias, o pobre
proletario, esse, recomeça o seu labutar insano,
retoma a sua grilheta de forçado.

E o rude proletario,
Lançando o olhar maldito á cruz do seu calvario,
Triste como Caim, mudo como um assombro,
Levanta-se de um salto e põe a enxada ao hombro.
Não olha para traz para não vêr os filhos,
Parte, caminha, vae nos pedregosos trilhos
Curvado para o chão, como alguém que procura
Na grande paz da terra a paz da sepultura.
A arvore sacode a nevoa dos cabellos;
Volatilisa a luz os mornos pesadellos.
Treme da cotovia o cantico suave:
Rosa que se fez luz, beijo que se fez ave,
A selva rumoreja. Anima-se a paisagem,
E o misero aldeão, asperrimo selvagem,
Minado pela dôr, varado pelo frio,
Desapparece ao longe — ermo, feroz, sombrio,
Na tragica mudez das nuvens pardacentas
Que levam no seu ventre os raios e as tormentas. —¹

¹ Guerra Junqueiro — *A Morte de D. João*.

Acaso será justo que, enquanto uns roem, com a soffreguidão de cães esfomeados e vadios uma côdea anegrada e endurecida, outros se banqueteiem lautamente, na inconsciencia revoltante de privilegiados e de fartos?

Comtudo, essas riquezas accumuladas ha milhares d'annos, de geração em geração, pertencem-nos a todos. Foram a herança de innumeraveis trabalhadores, deveriam constituir o bem commum, d'onde emanaria a felicidade do homem, a paz e a concordia universal.

Essas riquezas por si só bastavam ás exigencias da humanidade inteira. A *abundancia para todos* não é uma vã aspiração de sonhador, uma utopia de visionario. E' uma realidade bem tangivel, bem manifesta.

A quantidade das riquezas existentes augmentaria ainda, se fossem aproveitadas todas as energias, todas as forças capazes de produzir. Hoje, pode-se dizer, d'uma maneira geral, que só um terço de população d'um paiz civilisado é rigorosamente util. Os outros dois terços são formados pelas classes parazitarias.

A' medida que, pelos progressos realisados, vae augmentando a capacidade de producção, parallelamente vae crescendo o numero dos ociosos e dos intermediarios. O funcionalismo absorve e inutilisa uma somma enorme de riquezas. O militarismo vai roubar ao seio da população os elementos mais utilisaveis, mais prestadios á vida

d'uma sociedade; vae accordar instinctos adormecidos, remechendo na sua estagnante quiétitude a vasa de paixões sanguinarias e assassinas. E o numero dos intermediarios, dos commerciantes, vai crescendo d'uma maneira atterradora, corrompendo tudo, envenenando-nos, falsificando-nos e putrefazendo-nos a vida.

Mas, caso extraordinario e paradoxal! Em vez de se procurar augmentar as riquezas, de modo que todos gosassem d'uma relativa abundancia, trata-se pelo contrario de lhes restringir a producção! Ao passo que milhões de individuos necessitam de alimentação e vestuario, quantas vezes se limitam ou se inutilisam os productos agricolas e os productos manufacturados! E isto porque os capitalistas, os possuidores das riquezas da terra, querem tirar d'ellas o maior provento possivel, especulando com tudo, por todos os processos. Ainda está na memoria de todos o exemplo do millionario americano que se apoderou d'uma quantidade colossal de trigo, para poder impôr depois o preço, que mais lhe conviesse, á Europa submettida e faminta.

Estes exemplos hão de repetir-se a cada passo, pois que são a essencia mesma da actual organização da sociedade.

Preciso é, pois, para que todos realizem a felicidade a que têm direito, que entrem na posse commum de todos os meios de vida e de conforto. E' necessario que as cidades, as aldeias, os cam-

pos, os mares, os rios, as minas, os meios de comunicação cessem de ser propriedade privada, para pertencêrem á totalidade dos individuos.

«Il faut l'*Expropriation*. L'aisance pour tous comme but, l'expropriation comme moyen.» (Kropotkine).

Depois, quando todos tiverem garantida a subsistencia, quando tiverem assegurados os meios mais imprescindiveis á vida, intentarão ainda uma felicidade maior. Deixará de existir, pela pratica d'uma *Solidariedade perfeita*, o antagonismo feroz das classes; as sociedades humanas deixarão de sêr um vasto campo de luctas e morticínios. Todos, conscios d'uma elevada noção de Justiça e Amor, procurarão ascender, unidos e livres, na radiosa estrada que conduz á *Cidade Futura*, á *Cidade do bom-accôrdo*, a terra da promissão, suprêma *etape* da Felicidade humana.

E uma nova ancia de felicidade surgirá. Aspiraões que ainda hoje dormitam e se esboçam vagamente, impôr-se-hão amanhã, irizadas de luz, fulgindo na olympica esplendencia do Sol.

Actualmente é a miseria material que é preciso destruir. Depois será a miseria physica, a miseria intellectual e a miseria moral. Todos estes progressos se realisarão conjunctamente, n'uma serena harmonia. Os homens progredirão, sempre unidos e fortes, n'um supremo orgulho de tudo ambicionarem e de tudo conseguirem.

E o *super-homem*, tão allucinadamente sonhado por Nietzsche, cantado em orquestrações triumpheaes e a rajadas de genio por Wagner, dominará por fim a natureza, desdenhoso em todo o seu orgulho, altivamente desafiando a cupula dos ceus.

CAPITULO III

O PRINCIPIO DE DARWIN — DARWINISMO BIOLOGICO; DARWINISMO SOCIOLOGICO — THEORIAS DE GUMFLOWICZ E LAPOUGE — A ENTRE-LUCTA E O AUXILIO MUTUO — A SOLIDARIEDADE, CONSEQUENCIA DO PRINCIPIO DE DARWIN.

A lucta é a mãe das coisas.

HERACLITO.

C'est encore à l'entr'aide qu'il faut rapporter les conséquences heureuses qui peuvent dériver de l'entre-lutte.

ELISÉE RECLUS.

Segundo Darwin, a necessidade da lucta para a aquisição e conquista do espaço e da subsistencia foi a origem da diversidade das especies. Dar-se-ia um combate encarniçado entre as diversas fórmias vegetaes e animaes, acabando a selecção natural por dar a victoria a algumas em detrimento das outras. Essa selecção não era mais que a sobrevivencia de determinadas fórmias em prejuizo das restantes, em virtude de caracteres adquiridos, que collocavam essas fórmias em

*

vantajosas condições na concorrência com as outras. Os caracteres adquiridos eram modificações das formas na sua contextura, segundo adaptações á variabilidade das circumstancias do meio externo. Esses caracteres mantinham-se por hereditariedade, accentuando assim a divergência das diversas especies.

«Eu chamo selecção natural, como dizia Darwin, á fixação das variações e diferenças que são uteis ao individuo, com a eliminação das variações e diferenças que lhe são nocivas.»

Toda a especie que pudesse variar mais rapidamente, adaptando-se ás condições circumdantes, isto é, que adquirisse superioridade na lucta, graças á fixação de variações e diferenças que lhe fossem uteis, triumpharia das suas concorrentes no banquete da vida.

O universo seria, em ultima analyse, um vastissimo campo de batalha em que as especies se disputariam violentamente o espaço e a subsistencia. Triumpharia aquelle que fosse o mais apto, conseguindo assegurar a descendência á custa d'uma lucta enraivecida e sem tréguas.

Esta lei do *struggle for life* não se limitou apenas ao terreno da lucta das especies vegetaes e animaes; generalisou-se a todo o mundo organico e inorganico. E, assim, ao darwinismo biologico, succedeu, dentro em breve, o darwinismo sociologico.

Trataremos de investigar se nas sociedades

humanas a lucta pela vida, a concorrência entre os individuos, é uma condição de progresso e de evolução; ou se, pelo contrario, a existencia d'essas mesmas sociedades não é mais que o protesto e a reacção contra essa lucta.

Se a lei da concorrência vital fôsse verdadeira em toda a sua extensão, o estudo retrospectivo de toda a evolução da humanidade mostrar-nos-ia sempre a victoria do mais apto, a superioridade do melhor dotado. Assim, considerando a especie humana formada por diversas raças, tendo caracteres antropologicos reciprocamente oppostos, como o pretendem Gumpowicz e Ratzenhofer, toda a historia do progresso humano se resumiria na enumeração dos combates travados entre essas raças diferentes e antagonicas.

Desde as hordas originaes dos tempos pre-historicos, que essa lucta se vem empenhando, devendo ser a victoria para os mais valorosos, os melhor aguerridos. Todo o desenvolvimento, todo o adiantamento da especie derivariam d'essa lucta. A successão chronologica d'esses combates não seria senão a affirmacção contínua da victoria do mais apto.

Gumpowicz não nos descreve quaes sejam os caracteres differenciaes que tão nitidamente separavam as primeiras hordas humanas existentes. Esse polygenismo das raças perde-se na bruma das coisas vagas e indistinctas.

Lapouge reduz o problema a uma extrema

simplicidade. O progresso da especie humana resume-se, para elle, no duello constante entre duas raças em presença. Os *dolichocephalos* e os *brachycephalos*. Sendo todas as qualidades ethnicas secundarias e subordinadas ao character da conformação craneana, era apenas uma differença no indice cephalico que arrastaria, uma d'encontro á outra, essas duas raças figadalmente inimigas e hostis.

Conforme os preceitos estabelecidos pelos paladinos da doutrina da concorrência vital, esta seria a pedra basilar de todo o progresso moral e social. Os povos enfraquecidos seriam esmagados pelos mais fortes; poderosos imperios se implantariam, tendo sempre a rasão da sua supremacia no principio da victoria das raças melhor dotadas, á custa da eliminação das raças degeneradas e inferiores.

A guerra não seria senão a expressão brutal e sanguinolenta d'essa selecção natural. Graças a ella, as sociedades poderosas, exuberantes de vida sã, conseguiriam impôr o seu poder ás mais fracas, ás menos aguerridas. A historia da supremacia militar seria a historia de toda a civilisação. Quanto melhor organizado militarmente fosse um povo, mais probabilidades de victoria teria na lucta com os outros povos.

Comtudo, este enthusiasmo pela concorrência vital, considerando-a como unica determinante de toda a evolução progressiva das sociedades,

foi arrefecendo e perdeu, a pouco e pouco, todo o predomínio, em virtude das modernas interpretações do principio de Darwin.

O estudo minucioso e aprofundado dos diversos momentos historicos veio demonstrar que essa constante e pretendida victoria dos mais aptos, era uma falsa noção da evolução da humanidade. Assim, Gumpłowicz insurge-se contra a ideia de que as sociedades progridam indefinidamente graças á concorrência.

Para Gumpłowicz a guerra das raças é um factor de civilisação, mas o seu poder não se exerce sempre no mesmo sentido. A principio, ha um certo avanço; depois dá-se o estacionamento, e, por ultimo, o grau de civilisação retrograda. Ha, portanto, uma equivalencia entre as diferentes epochas historicas. Todos os grupos têm um periodo de fastigio e outro de decadencia. A humanidade não progrediria sensivelmente, mas manter-se-ia sempre ao mesmo nivel de civilisação.

Lapouge considera os dolichocephalos como os fundadores das civilisações. As nações nascem, vivem e prosperam, devido aos elementos dolichoïdes que entram na sua formação. Comtudo, o capital d'eugenismo que os dolichoïdes representam não é inexaurivel; os elementos brachycephalos começarão a exercer a sua acção deprimente e invasora, e, dentro em pouco, essas nações experimentam uma acção regressiva. Para La-

pouge a vida das nações era analoga á dos animaes e das plantas. Nasciam, viviam e morriam, deixando após ellas «residuos que não podem mesmo ser empregados para constituir povos novos.»

Vê-se pois que a lucta entre as differentes raças não póde sêr olhada como obreira incessante de progresso. Muitas vezes essa lucta traduz-se por uma evolução regressiva no grau de civilisação, e a humanidade parece não ascender para a perfeição d'uma maneira sensivel. Comtudo, longe de nós partilhar o pessimismo sociologico de Gumpłowicz e Lapouge. N'uma vista de conjuncto, ha sempre uma marcha ascencional, embora em determinados momentos haja uma suspensão apparente ou mesmo um retrocesso.

Até aqui, as luctas entre as sociedades, a guerra das raças entre si. Mas qual será o resultado do combate entre os individuos que compõem um determinado agrupamento social?

A orthodoxia darwiniana affirma tambem, categoricamente, que a concorrência entre os individuos para a conservação da vida é a fonte de todo o progresso, a origem de toda a civilisação. Assim, a permanente lucta pela existencia fazia com que as aristocracias, que em si representam a supremacia physica e moral, triumphassem das classes inferiores, dominando-as e escravizando-as como era necessario para a utilidade da especie.

Essa luta, travada principalmente no terreno economico, faz sossobrar todas as emprezas, todos os grupos societarios de menor resistencia, isto é, em condições inferiores de combatividade. A victoria seria, em ultima analyse, dos mais aptos, dos melhor armados.

E' uma luta de morte. O dilemma é o mesmo: vencer ou morrer. Mas esta mesma selecção constituia a verdadeira justiça, e o progresso só poderia derivar d'ella.

Vejamos porém os factos.

A selecção natural é viciada em toda a sua acção. Já no campo biologico é desviada da sua directriz, devido á interferencia de causas extranhas; mas, onde essa influencia se exerce mais intensamente, é no campo sociologico. Ahi, toda a luta é transfigurada por um sem numero de circumstancias artificiaes, creadas pelas convenções humanas, baseadas essencialmente em preconceitos, crenças e privilegios de todo o genero.

Esses costumes, essas crenças e esses preconceitos, desvirtuam completamente a luta pela existencia. O privilegio economico restringe e aniquila o pessoal eugenico, impossibilitando-o de laborar pela realisação do progresso. Outr'ora ainda o valor guerreiro e a auctoridade moral conseguiam triumphar. Hoje, todo o predominio pertence ao capital, e toda a superioridade moral e intellectiva é esmagada pelo poderio da classe capitalista.

De maneira que a victoria está longe de pertencer aos mais aptos, aos melhor dotados physica ou mentalmente. A selecção é feita conforme os capitaes. Triumpham os que possuirem capitaes mais avultados.

Tudo isto redundando em pura perda, no aniquilamento do potencial eugenico das classes dominadas, que se esterilisam n'um trabalho improductivo e desnecessario.

Vê-se pois que o enthusiasmo pela concorrência vital, ou pela entre-lucta, conforme lhe chama Reclus, como condição unica da evolução progressiva da humanidade, é infundado. A marcha da civilisação não depende unicamente do combate entre as diversas unidades sociaes, sejam individuos, sejam nacionalidades ou raças. A lucta pela vida é sem duvida um factor de desenvolvimento social, mas a sua acção resultaria nulla sem o concurso d'outros factores, como: a solidariedade, a cooperação, o auxilio mutuo.

O *accôrdo pela vida*, eis a fonte inexgotavel de todo o progresso da especie humana.

Se attribuímos muitas vezes á guerra, á entre-lucta, as consequencias favoraveis e beneficas para a realisação d'uma obra civilisadôra, é porque nos deixâmos impressionar e ferir mais fortemente por acontecimentos que recordamos com terror. Os successos pacificos, serenamente decorridos, apagam-se depressa da memoria collectiva. A psychicidade das multidões vibra d'uma

maneira muito mais intensa, quando fortemente sacudida, quando convulsionada ao embate sangrento das paixões. D'aqui o referir-se ás guerras, ás luctas, toda a acção civilisadora, deixando no olvido o facto d'ellas arrastarem immediatamente a união mais intima das relações, de fomentarem a solidariedade, verdadeiro e fecundante manancial do progresso.

A lucta pela existencia, á medida que a humanidade caminha para a perfeição, vai cedendo terreno ao accôrdo pela vida; á medida que os interesses de conquista cederam o passo aos interesses de producção, a solidariedade vai-se estabelecendo e radicando entre os povos, arruindo as barreiras que os separavam. O mesmo succede com os individuos. O antagonismo de classes tende a desaparecer; o auxilio mutuo cada vez mais apertará os laços entre os homens, tornando o trabalho fecundo, solidarizando todas as energias productoras.

A concorrência vital, portanto, não synthetisa em si toda a marcha da civilisação. Os que referem todo o progresso humano unicamente aos conflictos de todo o genero, que fizeram entrechoçar-se as differentes raças, nacionalidades e classes, não téem senão uma noção bem apoucada da realidade. Não foram sómente os instinctos de combatividade que déram a victoria aos mais aptos, mas estes triumpharam porque eram justamente *os que mais e melhor se auxiliavam.*

A lei do mutuo auxilio é tambem uma lei natural, e a sua acção é mais intensa ainda que a da luta pela vida. Ella provoca, como diz Kropotkine, «le développement d'habitudes et de caractères qui garantissent le maintien et le développement ultérieur de l'espèce, ainsi que la plus grande somme de bien-être et de bonheur pour l'individu, avec la moindre perte de l'énergie totale.»

As especies animaes e vegetaes que mais resistem, que sobrevivem, são as mais intimamente unidas. Os mastodontes, os ichthyosaurios, apesar de grandes e fortes, são especies desaparecidas porque eram bem fracos os seus instinctos de solidariedade.

E o que succede com os diversos animaes e vegetaes, acontece com as sociedades humanas. Nacionalidades conquistaram a hegemonia sobre as outras, porque mais intensa era a solidarisação dos seus esforços; imperios se desaggregaram e subverteram, porque bem frouxa era a mutua união das suas partes constitutivas.

Vejamos porem se o proprio principio de Darwin, a selecção natural e a persistencia do mais apto, envolve e explica o principio de solidariedade. Mais apto só poderá definir-se e estabelecer-se depois de decorrido um determinado momento da concorrência vital. Antecipadamente, nunca poderemos apontar qual seja o mais apto, porque só o conhecimento profundo das condições me-

sologicas e individuaes nos poderia fornecer elementos para a solução de tamanho problema. Mas uma illação occorre immediatamente. Se o mais apto é o que vence n'um certo meio, alterada que seja a natureza d'esse meio, continuará a ter as probabilidades da victoria?

A variabilidade do meio arrastará necessariamente a transmutação no aspecto da lucta. O que ha pouco vencia e era por conseguinte o mais apto, n'um meio differente pôde ser esmagado, tornar-se o menos apto. D'aqui se conclue logicamente que não ha homens superiores, nem homens inferiores. Esse criterio é falso, visto que admite uma tal ou qual invariabilidade no meio social, qualidade que elle não possui. E' susceptivel de modificações e, desde que o seja, os que hoje são os vencedores, amanhã serão os vencidos.

Portanto, estudar profundamente as condições mesologicas e individuaes, modificá-las d'uma maneira racional e consciente, de modo que todos possam realisar o ideal de felicidade a que tem jus: eis uma das consequencias forçadas do principio de Darwin. E o principio de solidariedade, suprema communhão de todos os interesses e aspirações individuaes, resalta nitidamente, como unica estrada que serenamente nos pôde conduzir na gradual ascendencia para um ideal de Justiça e Amôr.

CAPITULO IV

PRECURSÔRES DE MALTHUS—O PRINCIPIO DE POPULAÇÃO—MALTHUS—FIM HUMANITARIO DA SUA OBRA—*Moral restraint*—PROGRESSÕES DO DESENVOLVIMENTO DA POPULAÇÃO E DO CRESCIMENTO DAS SUBSISTENCIAS—THEORIA DE MALTHUS—OBSTACULO PRIVATIVO, OBSTACULO DESTRUCTIVO—ANALYSE CRITICA DA THEORIA DE MALTHUS—*Nova Religião sexual*—NEO-MALTHUSIANISMO.

C'est la nature et non Malthus
qui a mis un précipice sous les pas
de l'humanité; et pourtant c'est ce
pauvre savant qu'on en rend res-
ponsable; comme s'il fallait punir
une sentinelle de son cri d'alarme
et des avis qu'elle donne pour eviter
le danger!

JOSEPH GARNIER.



Malthus.

Antes de nos occuparmos da
personalidade tão apaixonadamen-
te debatida e tão injustamente ata-
cada, Thomas Robert Malthus,
achamos do maximo interesse a
enumeração chronologica das prin-
cipaes opiniões emittidas antes
d'elle, sobre o principio de população.

Entre os precursôres de Malthus poderêmos citar: Montesquieu, Mirabeau, pae, Quesnay, Smyth, Herrenschwand, Ortes, Dugald Stewart, Young e Say.

Dizia Montesquieu (1748): «Partout où il se trouve une place où deux personnes peuvent vivre commodément, il se fait un mariage. La nature y porte assez, lorsqu'elle n'est point arrêtée par la difficulté de la subsistance.»

O principio de correlação entre a quantidade de subsistencias e a população já se delineava, ainda que um pouco confusamente e sem a limpidez que mais tarde lhe deram outros pensadores.

Mirabeau, pae, no *Ami des hommes*, ou *Traité de la population* (1755) dizia tambem: «La mesure de la subsistance est la mesure de la population.»

Quesnay e Smyth eram muito mais claros. Entreviram mais nitidamente o principio de população. Assim, Smyth escrevia: Naturellement, toutes les espèces animales multiplient à proportion de leurs moyens de subsistance, et aucune espèce ne peut jamais multiplier au delà. Mais, dans les sociétés civilisées, ce n'est que parmi les classes inférieures du peuple que la disette de subsistances peut mettre des bornes à la propagation de l'espèce humaine; et cela ne peut arriver que d'une seule manière: en détruisant une grande partie des enfants que produisent les mariages féconds de ces classes du peuple.» (1775).

Herrenschwand era bem cathegorico quando affirmava: «Tant que la procréation n'a pas atteint les limites de la nourriture, l'espèce humaine est susceptible de multiplication.»

Dugald Stewart referia-se ao problema da população bem desoladamente. Eis o que elle dizia, annos antes de Malthus. «Un peuple ne peut pas plus s'empêcher de peupler qu'un arbre de pousser. Mais, pour vivre, il faut se nourrir, et comme tout accroissement a un terme, c'est là que la population s'arrête... C'est une maladie politique accompagnée de beaucoup de misères... J'avoue que je ne connais point de remède á ce mal.»

Arthur Young (1787-90) ia mais longe nas suas considerações. Apontava as funestas consequências do excesso de população.

«Le soin de multiplier la population ne doit pas fixer un instant l'attention des gouvernements. Si elle est oisive ou si elle excède le nombre des hommes qui peuvent trouver de l'emploi, c'est multiplier la misère, la maladie et le crime. La population ne devient utile que par l'emploi. Trouvez cet emploi, et elle se multipliera d'elle-même.»

Say, em 1803, não conhecendo ainda a obra de Malthus, como o declara em nota no seu *Traité*, affirma concizamente: «la population d'un pays se proportionne à ses produits.» Depois, desenvolve esta proposição, enumerando larga-

mente todos os economistas que fizeram afirmações análogas.

O princípio de população foi portanto entrevisto e formulado, mais ou menos claramente, antes de Malthus. Certamente, já muitos anonymos e previdentes chefes de família, receosos pela sua descendencia, haveriam tido a intuição da correlação forçada entre as subsistencias e a população. E, mui naturalmente, recorreram á pratica de processos, restringindo a progeneritura.

Foi todavia Malthus que deu uma forma scientifica ao princípio de população, estabelecendo as leis a que obedecia, e procurando apresentar uma solução racional a um problema tão importante para a economia d'um povo. Foi elle que primeiramente apontou, d'uma maneira frizante, o augmento da miseria e da mortalidade, em consequencia d'um excesso de população, e se insurgiu contra a tendencia, então em vóga entre os economistas, de que um paiz é tanto mais prospero quanto mais elevada fôr a sua população (Henry Georges).

Segundo Malthus, seria uma loucura fomentar o augmento da população sem attender ao crescimento da quantidade de subsistencias. Era necessario, acima de tudo, regularisar a natalidade d'um paiz, sem o que, isso arrastaria um sem numero de males que fariam perigar a existencia social.

Mas antes de entrarmos na critica da obra de

Malthus, façamos, n'um rapido bosquejo, a narração dos factos da sua vida que mais directamente fôsem contribuir para a génese do *Ensaio sobre o principio de população*.

Thomas Robert Malthus, nasceu em Rookery, perto de Dorking, no consulado de Surrey, Inglaterra, a 14 de fevereiro de 1766, morrendo em Bath, a 29 de dezembro de 1834. Seu pae Daniel Malthus, como tivesse de deixar a fortuna ao filho primogénito, fel-o entrar na carreira ecclesiastica.

Seu pae, que tambem se dedicara a estudos de sociologia, tinha perfilhado as opiniões de Godwin, que, em Inglaterra, sustentava as ideias dimanadas dos principios phylosophicos de Rousseau, segundo os quaes, o homem que primitivamente nascera bom, se prevertera e viciára, em virtude das instituições sociaes.

Malthus, porém, seguiu em opposição ás ideias do pae, e, convicto de que, se as instituições viciam os homens, os homens a seu turno têm as instituições que merecem, procurou sustentar a these contraria. A humanidade nunca se poderia aperfeiçoar além d'um certo limite; a isso se oppunham obstaculos naturaes, impossiveis de transpôr.

E' baseado nas obras de Hume, de Wallace, de Smith, de Price, que elle procura contradictar Godwin e publica em 1798 o *Ensaio sobre a população*.

Como diz Joseph Garnier: «Malthus combattit les ecrivains aux yeux desquels la perfectibilité des hommes et des institutions politiques et sociales était sans limites, et il réduisit presque à rien l'influence, des mauvais gouvernements; il defendit la propriété et combattit les divers systemes socialistes qui s'étaient déjà produits; il montra que les sociétés n'avaient jamais rencontré que deux obstacles à leur accroissement, le Vice et la Misère; et il signala comme principale cause de ces obstacles la multiplication trop rapide des populations relativement à leurs subsistances.»

A publicação da obra de Malthus despertou em toda a Europa a controversia mais apaixonada e vibrante. Em 1799, partiu em viagem d'estudo pelos principaes paizes europeus, visitando a Dinamarca, a Suecia, uma parte da Russia, a Suissa, etc. Terminada a viagem, fez a publicação da segunda edição do *Ensaio*, que novamente vem provocar a mais violenta discussão.

Na segunda edição da sua obra, que Malthus enriqueceu com os documentos e factos colhidos através da Europa, destaca-se uma conclusão que é do maior alcance sob o ponto de vista social. Ella, depois de convenientemente transformada, adequando-a aos modernos preceitos scientificos, e fazendo-a obedecer a uma noção mais larga da vida, aponta claramente o meio pratico como o proletariado póde evitar a baixa no salario. Assim, Malthus *aconselhava ás classes obreiras que usas-*

sem da maior circumspecção no casamento para evitarem a baixa do salario.

E' claro, longe de nós o acceitarmos esta prescripção de Malthus! Não é na abstenção do casamento que consiste a therapeutica a empregar; mas sim, no uso das praticas *neo-malthusianas*. Mas, não nos precipitemos; vamos seguindo na apreciação da individualidade e da obra de Malthus.

Lendo a sua obra, depressa nos convencemos que estamos em presença d'um espirito, que ambicionava ser util aos seus semelhantes, procurando tornar-lhes menos pezada a existencia. Se o principio que constatou, procurando formulal-o sob uma forma scientifica, era um tanto desolante e terrivel para a humanidade, foi conscio que proclamava uma verdade que assim procedeu.

Ch. Conte referindo-se ao caracter de Malthus diz: «Cet amour de la vérité, qui ne se démentit jamais, fit naître e developper chez lui les vertus privées qui le distinguaient: la justice, la prudence, la temperance, la simplicité.»

Mas, façamos a analyse critica das ideias proclamadas por Malthus.

*

Até Malthus, a grande maioria dos legisladores, chefes d'Estado, phylosophos e economistas, consideravam como uma verdade axiomatica o criterio de que *a população é sempre um bem*.

Todas as ideias, todos os esforços, toda a propaganda, tendiam a proclamar o principio de que um paiz era tanto mais forte e poderoso, quanto mais elevada numericamente fosse a sua população. Todas as leis, toda a organização social, visavam esse *desideratum*, considerado como condição *sine qua non* do progresso e da prosperidade das nações.

Não attendiam, nem á qualidade, nem á especie de existencia d'essa população. Para elles havia apenas uma questão numerica e nada mais. Mil individuos produziam um milhão na quantidade das riquezas, dois mil produziriam dois milhões. Toda a felicidade dependia directamente do crescimento da população, visto que d'elle derivava toda a riqueza. Assim, estadistas como Colbert, Pitt, chefes d'Estado como Napoleão, chegaram a estabelecer premios aos que constituissem familias numerosas.

Hoje, ainda os nossos legisladores, economistas, sociologos, consideram esta doutrina como verdadeira e procuram proceder em harmonia com os preceitos que d'ella dimanam.

Foi contra essa tendencia geral que Malthus reagiu, assignalando os perigos e as consequencias funestas que adviriam para as classes pobres principalmente, se, conscientes, não usassem da vontade e puzessem um dique á sua prolifcação desmarcada.

Era, portanto, com um alto fim humanitario

que Malthus aconselhava o *moral restraint*, constrangimento moral, como unico remedio da miseria e do vicio, consequencias suppostas do excesso de população.

Comtudo, o caracter e as intenções de Malthus tem sido bem desvirtuadas e o seu nome coberto de doestos e imprecações, fazendo-se-lhe as censuras mais injustas. Elle, que apenas apontára a existencia real de certos factos, procurando-lhes a interpretação á luz d'um criterio scientifico, foi apodado de cruel perseguidor das classes pobres e paladino da aristocracia!

Contribuiu de certo modo para isso, a fórma litteraria pouco adequada, que escolheu para o seu *Ensaio sobre a população*. Sob a influencia da educação ecclesiastica, embebido da rhetorica empolada usada pelos prégadôres, imaginou ser essa a melhor maneira de ferir a impressionabilidade do espirito das multidões. D'ahi, periodos como este e que parece confirmarem a opinião d'aquelles que o julgam um caracter feroz, d'uma terrivel atrocidade.

«Un homme qui naît dans un monde déjà occupé, si sa famille ne peut plus le nourrir ou si la société ne peut utiliser son travail, n'a pas le moindre droit de réclamer une portion quelconque de nourriture, et il est réellement de trop sur la terre. — Au grand banquet de la nature, il n'y a point de couvert mis pour lui. — La nature lui commande de s'en aller et elle ne

tarde pas à mettre elle même cet ordre à exécution.»

São estas as citações mais vulgares da obra de Malthus e que tanto téem contribuido para formar essa auréola ensanguentada e fatídica que acompanha o seu nome. E' necessario penetrar bem o espirito da obra de Malthus, compulsal-a com attenção, para podermos fazer um juizo seguro e justiceiro.

O principio de população, tal como o comprehendeu Malthus, baseia-se na enunciação das duas leis fundamentaes: *a lei do desenvolvimento da população e a lei do crescimento das subsistencias.*

Todavia, elle não accéitava d'uma maneira absoluta a fórmula algebrica, segundo a qual as formulou. Admittia-a apenas como uma explicação, uma maneira abreviada de exprimir uma tendencia.

Dizia elle: *a população, caso não houvesse nenhum obstaculo que a detivesse, desenvolver-se-hia em progressão geometrica, ao passo que os meios de subsistencia cresceriam, quando muito, em progressão arithmetica.*

Como demonstrava Malthus a veracidade d'essas leis?

Fundamentava-se na observação de Franklin, segundo a qual não haveria limite á faculdade productora das plantas e dos animaes, se não fôsse o facto de que, augmentando em numero,

mutuamente se extorquiam a subsistencia. D'aqui resultava que o excesso de plantas e animaes, tenderia a extinguir-se pela falta de espaço e de subsistencia.

As plantas e os animaes seguiriam as sollicitações imperiosas dos instinctos, propagando a especie, cégamente, sem attenderem ás necessidades da progenitura. A falta d'espaço ou a falta de subsistencias poriam, então, uma barreira a esse excesso de prolifcação.

O mesmo se dava no homem. Aqui, porém, o aspecto do obstaculo posto ao desenvolvimento da especie era muito mais complexo. Além do imperio do instincto, o homem tinha de obedecer ás sollicitações da vontade. Esta apontar-lhe-ia as consequencias funestas para os filhos, caso deixasse, imprevidentemente, augmentar a descendencia.

Desde que o homem, desprezando os dictames da razão, obedecesse ao instincto, e procreasse maior numero de filhos do que comportava a quantidade de subsistencia, a miseria immediatamente reduziria esse numero excessivo.

Existia sempre uma tendencia da população a crescer para além do limite posto pelas subsistencias. Era essa a conclusão a que chegava Malthus, pelo estudo comparativo dos diversos momentos da vida das sociedades.

D'esta maneira, estabelecia elle a correlação entre a quantidade de subsistencias e o desen-

volvimento da população. Mas, vejamos como Malthus chegava a formular as suas duas progressões.

Tratou, primeiramente, de determinar qual seria o desenvolvimento natural da população d'um paiz, na hypothese de não haver entrave algum, isto é, abandonada a si mesma. Depois, procurou estabelecer o maximo da producção, na hypothese de existirem as circumstancias mais favoraveis ao seu crescimento.

Escolheu, como exemplo demonstrativo da sua these, o desenvolvimento da população nos Estados Unidos da America do Norte. Ahi, onde os costumes eram puros, onde os meios de alimentação não escassejavam e em que os casamentos se realisavam mais precocemente, a população, durante o periodo de seculo e meio, duplicara em menos de 25 annos. E esta não era a proporção mais elevada.

Em certas regiões do interior da America, onde predominava a agricultura e onde a vida era muito mais sã, a população duplicou em 15 annos. Malthus refere ainda as conclusões formuladas por Euler e W. Petty. O primeiro avaliou em 12 annos, aproximadamente, o periodo sufficiente para a população duplicar; o segundo calcula que bastariam apenas 10 annos.

Não utilizando, todavia, estes periodos de menor duração e baseando-se só nos resultados mais geralmente reconhecidos, Malthus concluia o se-

guinte: «podemos pois ter como certo que, quando a população não é entravada por nenhum obstaculo, vai duplicando todos os 25 annos e cresce, de periodo em periodo, segundo uma progressão geometrica.»

Seguidamente, Malthus confessa a difficuldade que ha em demonstrar a segunda parte da sua these, o crescimento em progressão arithmetica das subsistencias.

Effectivamente, essa difficuldade transparece, sendo o seu raciocinio muito mais confuso e inseguro, não conseguindo ter a clara persuasão dos seus argumentos sobre o desenvolvimento da população.

Sendo o principio de população incontestavel, dizia elle, se mil individuos duplicarem no praso de 25 annos, um milhão duplicará tambem no mesmo periodo. Ora, se o crescimento das subsistencias se faz d'outra maneira, isto é, em menor escala, o desenvolvimento do maior numero arrastará fatalmente difficuldades á sua manutenção.

Supponhamos que as terras cultivadas fossem augmentando na sua extensão; chegaria um momento em que a humanidade, continuando a desenvolver-se, necessitaria de alimentos, e estes só poderiam provir do melhoramento das condições do sólo. Este melhoramento era impossivel que pudesse fazer progressos incessantes; a na-

tureza do sólo oppôr-se-hia a isso e esses melhoramentos tenderiam a ser cada vez menores.

Malthus, apesar de reconhecer que há uma grande extensão de terrenos por cultivar, assegura-nos que, pelos estudos feitos, podemos duvidar que os esforços do homem consigam duplicar os productos do sólo.

Como vêmos, nota-se já aqui uma grande incerteza, sendo a sua argumentação esteiada em permissas muito contestáveis. Mas, deixemos isso, e acompanhemol-o na sua demonstração.

Escolhe Malthus, para exemplificação das suas ideias sobre a producção do sólo, a Inglaterra e a Escocia, onde o estudo da agricultura era feito com muita attenção e interesse.

Apezar d'isso, continua elle, existem n'estes paizes grande numero de terrenos incultos; mas, examinemos o que poderiam produzir, nas condições mais favoráveis que se possam imaginar.

Suppondo que, por poderosos auxilios e sabias instrucções ministradas aos cultivadôres, se conseguiam duplicar os productos colhidos em vinte e cinco annos, não se poderia esperar que elles quadruplicassem d'ahi a outros vinte e cinco annos. A isso se oppunham todas as noções adquiridas sob a productividade do sólo. O arroteamento dos terrenos incultos e o melhoramento dos maus terrenos, requêrem grande somma de trabalho e de tempo. Portanto, á medida que a

cultura se estende, o accrescimo annual á colheita média vai sempre diminuindo.

Façamos agora, diz Malthus, para estabelecer a comparação entre a população e a quantidade total de subsistencias, uma hypothese que será a mais favoravel possível, acima de todos os resultados obtidos pela experiencia.

Admittindo que o accrescimo da producção sobre a colheita de vinte e cinco annos não baixasse, e se mantivesse constante, a producção augmentaria de 25 em 25 annos do seu producto actual. Generalisando a toda a superficie do globo o resultado obtido na Gran-Bretanha, poder-se-hia estabelecer que «os meios de subsistencia, nas circumstancias as mais favoraveis á industria, não podem augmentar nunca mais rapidamente que segundo uma progressão arithmetica.»

A consequencia logica que resulta da comparação das duas progressões, é bem evidente. Avaliando em mil milhões os habitantes da Terra, a humanidade multiplicar-se-ia como os numeros: 1, 2, 4, 8, 16, 32,..... etc., e as subsistencias cresceriam segundo os numeros: 1, 2, 3, 4, 5, 6,..... etc.

Necessario era, por conseguinte, que houvesse quaesquer obstaculos que mantivessem a população ao nivel das subsistencias existentes. Esses obstaculos são de natureza diversa.

Malthus classificava-os em: *preventive check*

e *positive check*, ou *obstaculo privativo* e *obstaculo destructivo*. O primeiro englobava todos os processos pelos quaes o homem evitava voluntariamente a procreação, e o segundo todas as causas repressivas da população que elle designava, d'uma maneira geral, sob o nome de vicio e desgraça.

Era a abstenção do casamento, junta á castidade, que constituia o *moral restraint* (constrangimento moral).

No obstaculo destructivo, incluia Malthus todas as causas que encurtavam, de qualquer maneira, a duração natural da vida do homem. Eram: as occupações doentias, os trabalhos rudes ou excessivos, a extrema pobreza, a má alimentação, a insalubridade das grandes cidades, os excessos de todo o genero, todas as especies de doenças e de epidemias, a fome, a peste, e a guerra.

Resumiam-se no vicio e na desgraça.

Eis, a largos traços, a theoria malthusiana. Embora transpareça do seu consciencioso trabalho um entranhado amôr pela humanidade, Malthus tem sido injustamente anathematisado, levantando-se ainda, em volta do seu nome, um còro de rancôres e insultos.

«La théorie de Malthus, dizia Proudhon em 1848, c'est la théorie de l'assassinat politique, de l'assassinat par philanthropie, par amour de Dieu.

— Il y a trop de monde au monde ; voilà le premier article de foi de tous ceux qui, en ce moment, au nom du peuple, règnent et gouvernent. C'est pour cela qu'ils travaillent de leur mieux à diminuer le monde. Ceux qui s'aquittent le mieux de se devoir, qui pratiquent avec piété, courage et fraternité les maximes de Malthus sont les bons citoyens, les hommes religieux ; ceux qui protestent sont des anarchistes, des socialistes, des athées... Qui viendra me dire que le droit de travailler et de vivre n'est pas toute la révolution ? Qui viendra me dire que le principe de Malthus n'est pas toute la contre-révolution ? »

Não nos deixemos, porém, arrastar na corrente, e vamos investigar o que haja de verdadeiro, de aproveitavel no malthusianismo.

A correlação entre a quantidade de subsistencias e o numero d'habitantes d'um paiz é innegavel. Quanto maior fôr o numero dos productos necessarios á vida, tanto maior será o crescimento d'uma população. Esta relação é verdadeira, admittimol-a como plenamente demonstrada e é esse justamente o grande principio proclamado por Malthus.

E' incontestavel que, quando as subsistencias existentes n'um paiz não bastem ás exigencias da população, esta tenderá a diminuir, a restringir-se cada vez mais. Será a miseria, arrastando

todas as suas consequências, o pauperismo, a prostituição, o crime, o suicidio e o alcoolismo; o esalfamento physico e mental e todos os restantes males que enumeramos anteriormente, que trarão ao devido limite o excesso da população. Isto é profundamente verdadeiro.

Imagine-se uma amoeba vivendo n'um meio illimitado. Ella nutrir-se-ia e multiplicar-se-ia indefinidamente. Desde que esse meio seja limitado, reproduzir-se-ha até um certo limite, deixando de se multiplicar e morrendo, quando tenha esgotado todas as substancias nutritivas.

O mesmo succederá com a especie humana. Ella variará segundo a riqueza em substancias alimentares do meio ambiente.

Concluir porém d'aqui, que o excesso de população é a causa da miseria, eis o grande erro de Malthus. Para isso, era necessario que se demonstrasse que a quantidade de subsistencias, existentes na Terra, não bastava ás necessidades da humanidade. Isso não o provou Malthus. Embora as estatisticas n'essa epocha fossem bastante difficientes, só uma investigação minuciosa n'esse sentido traria resultados concludentes.

Além d'isso, o seu critério era demasiado estreito. Não attendeu á desigualdade na distribuição das riquezas, que contribue para a apparente falta de subsistencias e impede necessariamente a producção de muitos generos imprescindiveis á vida. Não vemos a cada passo, os capitalistas

limitarem a producção ou inutilisarem os productos agricolas e industriaes para lhes poderem manter uma cotação elevada e lucrativa? E isto que hoje succede, deveria tambem succeder n'essa epocha.

Quanta actividade é desbaratada e absorvida na producção de objectos de luxo, desnecessarios á vida?

Além d'isso, a distincção de classes traz fatalmente a inercia e a inutilidade de muitas energias, sob o ponto de vista da producção. Já anteriormente estabelecemos que só um terço da população, n'um paiz civilisado, se póde considerar como realmente util. Os dois terços restantes são *não-valores*, classes parasitarias, que não fazem senão *gaspiller* grande somma de energias e productos que poderiam ser uteis.

Kropotkine provou, d'uma maneira irrefutavel, que existia o dôbro dos productos agricolas e o triplo dos productos industriaes, necesarios ás exigencias da humanidade inteira. Imagine-se que a totalidade da população se tornava socialmente util; onde iria o augmento da quantidade das subsistencias? Imagine-se que a cultura intensiva, cuja importancia apontamos insistentemente, se generalisava, conquistava toda a superficie do globo? E o que ha ainda a esperar da fabricação chimica dos alimentos?

Se, no momento actual, a humanidade já possui riquezas bastantes para prover ás suas necessida-

des, amanhã será a abundancia que exigirá a diminuição das horas do seu labôr, que a forçará a restringir a productividade do solo.

A correlação entre a população e as subsistencias arrasta a miseria, não pela falta ou exiguidade da alimentação, mas pela sua má distribuição.

E' claro que, se collocarmos duas amœbas em meios limitados, em que um tem uma somma de substancias nutritivas egual a oito e o outro egual a um, a segunda sentirá os effeitos da fome antes da primeira. O mesmo acontece no meio social. As classes inferiores sentem o aguilhão da miseria, muito antes das classes superiores chegarem a presentir a sua aproximação. Modifiquem-se as condições sociaes e a miseria tenderá a desaparecer.

Analysemos, porém, as duas progressões, a do crescimento das subsistencias e a do desenvolvimento da população.

Não podemos, de fôrma alguma, admittir a primeira. Como Paul Robin affirma, na *Revue Blanche*, a quantidade das *subsistencias reaes* não só não augmenta em progressão arithmetica, mas tende, *no momento actual*, a estacionar ou retrogradar.

E isto porque? Devido a todos os desperdícios das energias productoras, devido á limitação da productividade do solo e á destruição de

muitos productos, afim de satisfazer a sêde de ganho, a voragem capitalista.

Não se julgue, todavia, que o facto das subsistencias tenderem a estacionar ou a retrogradar vá contradizer a affirmação, que ha pouco fizemos, de existirem riquezas sufficientes para as exigencias da humanidade. Isto é indiscutivel, foi demonstrado á evidencia por Kropotkine. Esse facto apenas se refere á maneira como se comportam as subsistencias actualmente. Embora cheguem para as necessidades da especie humana, tendem, pela viciação e preversão do meio social, a estacionar ou a diminuir.

É necessario pôr uma barreira a essa tendencia. «Il n'y a certes aucun doute, como diz Paul Robin, et le calcul en a été fait souvent de diverses manières donnant des résultats concordants, qu'avec les ressources actuelles des sciences agricoles et industrielles, il suffirait que tous les êtres humains donnassent trois ou quatre heures par jour, en moyenne, de travail modéré, facile, pour que tous jouissent du confort actuel des familles bourgeoises ayant de 15 à 1800 francs de revenu par personne. A la condition de ne fabriquer que d'excellente marchandise dans tous les genres, et d'en user largement mais sans aucun abus ou gaspillage.»

A segunda progressão, a do desenvolvimento da população é, em parte, verdadeira.

Malthus poderia levar muito mais longe o seu

calculo e obteria, decerto, uma razão para esta progressão muito mais elevada. Já no seu tempo, no Canadá, e mais tarde na Australia e na Nova-Zelandia, o estudo das estatisticas do numero de nascimentos, dá a população duplicada no curto praso de 7 a 8 annos. Os habitantes eram 10 vezes mais no fim de vinte e cinco annos. D'onde se conclue que, em boas condições de trabalho e n'um terreno praticamente illimitado, a progressão do desenvolvimento da população teria uma razão muito mais elevada.

Chegamos agora ao ponto capital, ao *moral restraint*, á causa da grande impopularidade de Malthus.

Foi elle quem primeiro accentuou a antinomia entre a fome e o amor. Para evitar a primeira, Malthus só encontrou o sacrificio ou a suppresão do segundo. Á fome de nutrição não soube senão contrapor a fome sexual. Os seus preconceitos religiosos e a ausencia de conhecimentos bastantes da physiologia humana impediram-lhe que visse mais longe, que fosse procurar a supposta therapeutica da miseria n'outra solução.

Malthus não abstrahia da ideia d'amor a ideia de procreação. Para elle, todo o contacto amoroso, todas as relações sexuaes deviam conduzir á creação d'um filho. Logo que houvesse razões d'ordem individual ou social que impedissem a concepção d'um filho, deviamo-nos abster de toda a relação sexual.

D'aqui deriva esta conclusão logica. Só o rico se poderia permittir o amor, visto que o pobre não poderia procrear sem o risco de augmentar terrivelmente a sua miseria. E os famintos, cren-tes na intima ligação da voluptuosidade do amor e da procreação, defenderam, mui naturalmente, com entranhada e ciosa paixão, o direito de terem grande numero de filhos, de possuirem o que elles chamam *o pão dos pobres*.

E' o prazer que nada lhes custa, dizem elles. Comtudo, quantas lagrimas, quantos tormentos, quanta tortura physica e moral representa ás vezes o nascimento d'um filho para um misero proletario! A insufficiencia da quantidade das subsistencias, determinada artificialmente pelo nosso meio social, irá dizimando essas pobres creanças, victimas irresponsaveis d'uma existencia que não sollicitaram a ninguem.

Necessario era proporcionar á classe proletaria um meio que a afastasse da miseria e de todos os seus horrores. Malthus aconselhava-lhe o *moral restraint*, a abstenção das relações sexuaes, salvo em condições taes que só resultassem filhos felizes. Era, nem mais nem menos, que castidade absoluta fóra do casamento, casamento tardio e, depois d'este realisado, grande moderação; e caso fôsse attingido o numero de filhos sufficiente, um rigoroso cuidado em não procrear mais nenhum.

Podia por ventura a humanidade acceitar si-

milhante conducta? Entre morrer de fome e morrer d'amor o que seria preferivel?

Nem só de pão vive o homem. Necessario era que, para estancar uma grande dôr physica e uma grande dôr moral, se encontrasse uma outra solução mais harmonica com a sua ancia sequiosa de felicidade.

Espiritos libertos de todo o preconceito religioso, de toda a influencia metaphysica, e illuminados por um concepção mais larga da physiologia humana, acharam a solução d'esse grave problema. Foi em Inglaterra que primeiro se levantou o grito enthusiastico da nova *Religião sexual*. Os adeptos d'esta nova crença denominaram-se *Neo-Malthusianos*.

Comtudo, uma tremenda responsabilidade, uma pavorosa maldição pesa sobre os apóstolos da nova crença. O Neo-Malthusianismo herdou todo o odio, toda a execração que perseguia implacavelmente o nome de Malthus.

Mas, livres e conscientemente orientados, conhecedores dos progressos scientificos, serão mais audaciosos, saberão arcar de frente com as asperezas da campanha. A humanidade poderá, por fim, evitar a fome e manter o amor, conquistará mais um poderoso elemento para a sua emancipação.

CAPITULO V

OS NEO-MALTHUSIANOS — *Seu desideratum* — SEUS PROCESSOS: *A copulação preventiva* — O PROBLEMA DA POPULAÇÃO E O NEO-MALTHUSIANISMO — A DEGENERESCENCIA E OS NEO-MALTHUSIANOS — RELATORIO DA LIGA DA REGENERAÇÃO HUMANA AO CONGRESSO LIBERTARIO DE PARIS, EM SETEMBRO DE 1900.

Si les hommes ont des obligations à l'égard des êtres qui ne sont pas encore nés, elles ne consistent pas à leur donner l'existence mais le bonheur.

CONDORCET.

Nous espérons qu'en méditant ce sujet, nos lecteurs arriveront, comme nous, à cette conclusion que la diffusion des nouvelles doctrines est le seul moyen de mettre l'humanité sur la voie de l'abondance, de la félicité, de la bienveillance universelles.

PAUL ROBIN.



P. Robin.

Os Neo-Malthusianos, *ternos philosophos humanitarios*, como lhes chama Paul Robin, vêem resolver o grave problema do excesso de população. De modo nenhum prescrevem a abstinencia sexual, a castidade, como o fazia Malthus, porque isso seria gerar

um mal maior, a *fome sexual*, cujas consequências funestas para a humanidade depressa se fariam sentir.

Necessario era conciliar o direito á subsistencia com o direito ao amor, e é esse justamente o *desideratum* dos Neo-Malthusianos.

E' no livro notabilissimo d'um anonymo, doutor em medicina, *Elementos de Sciencia social, ou Religião sexual, physica e natural*, a biblia do Neo-Malthusianismo, como diz Paul Robin, que primeiro se estabelece e indica o unico processo racional e legitimo de obstar ao excesso da procreação. A *copulação preventiva*, ou a esterilidade voluntaria, eis a verdadeira therapeutica para todos os males resultantes d'um augmento desmarcado da população d'um paiz.

Esse livro teve uma publicidade enorme, contando já em 1896, em Inglaterra, trinta e uma edições. Tem sido traduzido em todas as linguas.

A publicação d'essa extraordinaria obra pelo medico inglez provocou, desde logo, tanto na Gran-Bretanha como em alguns paizes contiguaes, uma corrente favoravel ás suas ideias, fundando-se importantes sociedades de propaganda da nova doutrina sexual.

A uma prolifcação ao acaso, inconsciente e irreflectida, procura o Neo-Malthusianismo substituir uma prolifcação voluntaria, meditada e consciente. Mas isso, sem roubar nem supprimir a voluptuosidade do amor, conciliando esse pra-

zer com o receio fundamentado de crear novos desgraçados, novos infelizes.

E' recorrendo a processos bem simples, ao alcance de todos, que os Neo-Malthusianos, cortando com todos os preconceitos religiosos e sociaes, vêem fornecer á humanidade o balsamo para todas as dôres physicas e moraes. São os conhecimentos mais perfeitos da physiologia, que nos dão os elementos para podermos impedir eficazmente toda a concepção não desejada. Esses processos, de que apontaremos os mais seguros em capitulo ulterior, resumem-se n'uns meros resguardos de hygiene intima que só espiritos obsecados por ideias retrogradadas podem acoimar de attentatórias da moral.

Esses processos, primitivos e incompletos no começo, foram sendo aperfeiçoados, a pouco e pouco, distinguindo-se n'essa cruzada pelo bem da humanidade medicos e physiologistas, americanos, allemães e hollandezes, como Condom, Knowlton, Mensinga e Hellmuth. Hoje, a technica do Neo-Malthusianismo pratico é bastante satisfatoria, sendo todavia para lastimar que as classes pobres tanto a desconheçam.

São, na epocha actual, as classes ricas as que mais conhecem e praticam o Neo-Malthusianismo, quando deveria ser o contrario, visto que poderiam fazer face perfeitamente ás despesas que uma familia numerosa acarreta.

E' um auxilio incalculavel o facultar ás clas-

ses pobres a possibilidade de evitar uma extrema prolifcação. Quanto allivio representa para uma misera proletaria o meio de escapar á fatalidade de ser mãe contra vontade! E a felicidade d'um lar depende sempre, e em grande parte, d'um justo equilibrio entre o numero de pessoas que o constituem e os recursos de que podem socorrer-se.

A solução do problema social exige, necessariamente, a solução do problema da população. No estado actual da sociedade, em que as subsistencias, por uma má distribuição e uma pessima organização da productividade, não bastam ás exigencias de todos, é instante e inadiavel que todos os esforços se congreguem e se consiga pôr um forte dique á miseria invasora.

O proletariado tem, ao seu alcance, o meio de evitar e supprimir grande parte da miseria que o opprime. Em lugar de augmentar em extremo a descendencia, creando assim novas bôccas famintas, gerando novos concorrentes seus futuros inimigos na lucta pela vida, deve coarctar, com o auxilio das praticas neo-malthusianas, o grau desmarcado da sua multiplicação.

Tendo obtido por uma bem comprehendida prudencia geradora um melhor salario, visto que o numero de concorrentes diminuirá, o proletario pode conseguir mais facilmente um relativo bem-estar, uma melhoria consideravel nas suas condições de existencia. Não se imagine, porém, que

seja esta uma conquista definitiva, que o produtor consiga d'esta maneira assegurar a paz social. O Neo-Malthusianismo não tem semelhantes pretenções.

E' necessario, para que uma vida nova surja, que a especie humana soffra uma modificação profunda na intimidade do seu sêr. E' preciso tornal-a apta, capaz de resolutamente caminhar na senda da verdadeira felicidade. E é para isso que tendem os esforços da nova escola malthusiana.

O sonho e a aspiração dos Neo-Malthusianos é a formação d'uma humanidade nova, vigorosa e pujante na sua vida physica e mental, graças a uma selecção conscientemente querida e livremente accéite.

A felicidade da especie humana não reside apenas no justo equilibrio entre o numero dos individuos e a somma das riquezas necessarias á vida. Não. Exige muito mais do que isso. Requer o desenvolvimento integral de todas as faculdades, a plenitude harmonica de todas as funcções. E' por isso que o Neo-Malthusianismo, preferindo á quantidade a *qualidade*, procura diffundir no espirito das massas os novos preceitos da sua doutrina. *Uma descendencia restricta mas melhor*, eis o conselho dos Neo-Malthusianos.

Como disse um dos mais notaveis contraditores do Neo-Malthusianismo, na Academia de Medicina de Paris, M. Javal: «les enfants chétifs,

mal nourris dès le début de la vie, ne deviendront, que des défenseurs mal habiles et débiles pour la patrie; *ils seront non un soutien mais une charge pour la communauté.*»

Effectivamente, que importa para a grandeza e prosperidade d'um paiz o numero elevado da sua população, se grande parte dos individuos que a compõem são *não valores-organicos*, degenerados e doentes, que não farão senão viciar e putrefazer o meio social, estancando-lhe as fontes de energia e actividade? E' aqui que o problema formulado pelos Neo-Malthusianos, se relaciona e prende mais estreitamente ainda com a Medicina, sendo da sua alçada immediata o estudo criterioso da utilidade dos processos por elles propostos e adoptados.

*

Já anteriormente apontamos, a largos traços, as consequencias deploraveis que para a existencia da especie humana acarreta a organização economica actual. Vimos como a miseria era a origem de tantas enfermidades sociaes que ameaçam de morte as gerações futuras. A humanidade, arrastando-se depauperada e combalida na sua vitalidade, tende a dissolver-se, cada vez mais, no marasmo d'uma decadencia fatal e irreparavel.

A onda enorme dos degenerados e dos doentes cresce pavorosamente, ameaçando subverter

uma ultima tentativa de vida sã. A forte sympathia que nos faz soccorrer os perseguidos, os esmagados pela fallencia organica, tem contribuido poderosamente para multiplicar, d'uma maneira assustadora, a já avultada somma de miseria physica e mental.

A assistencia publica, essa derivada necessaria d'uma defeituosa organização social, tende a corromper o meio, cada vez mais, tornando-o incompativel com a conservação d'uma vida pura e sadia. E a desorientação cada vez é maior. Em lugar de se procurar investigar a verdadeira etiologia de semelhante desequilibrio, intenta-se dominar-o com medidas bem irrisorias e inuteis.

A tuberculose avança lugubre e panica, ceifando vidas aos milhões, e os congressos só frouxamente indicam a unica therapeutica racional a adoptar.

A tuberculisação das classes pobres depende sobretudo das pessimas condições da sua existencia. Modifiquem de *fond en comble* a vida do proletariado e verão como a mortalidade pela tuberculose diminuirá sensivelmente.

De que utilidade resultam todos esses sanatorios e dispensarios, se o proletario continuará depois a viver a mesma vida degradante e miseravel? Poder-lhe-hão construir bairros banhados de sol, onde a agua seja a jorros, onde a habitação realise um certo desafogo e bem-estar, onde a hygiene não seja um mytho como agora; tudo

será esteril e nimamente improficuo, se lhe não fôr transformada a existencia economica.

Necessario é pôr a questão no seu devido campo. O combate da contagiosidade da tuberculose não basta; é preciso primeiramente tornar os individuos mais resistentes, refractarios á invasão do mórbo. E isso apenas se conseguirá, quando se modificar profundamente o nosso modo de ser social.

O que succede com a tuberculose, acontece para todas as outras causas de degenerescencia e decadencia organicas.

Preparem-se de preferencia as gerações futuras, aconselham os Neo-Malthusianos, attenda-se, acima de tudo, ás circumstancias e condições que presidem á formação d'um futuro embrião e ao seu subsequente periodo evolutivo. Consiga-se primeiro que tudo *um bom nascimento*, isto é, a transformação completa da fôrma irreflectida e inconsciente como são procreadas as creanças que vão constituir as gerações futuras.

E' necessario que os progenitores, conscios de toda a responsabilidade moral e social que lhes arrasta o nascimento d'um filho, procurem realisar todas as condições indispensaveis para conseguirem um tal fim. Para isso, precisam attentar bem em todo um conjuncto de circumstancias mesologicas e individuaes que directa ou indirectamente podem influir no futuro embrião.

A modificação do meio cosmico, e d'esta fôrma

entendemos todos os processos ao alcance do homem, pelos quaes elle possa pôr-se a coberto de qualquer influencia perturbante que d'elle provenha; eis uma das primeiras condições a attender para a existencia d'uma bôa gestação. Depois, a transformação perfeita do meio social, de maneira que desapareçam e sejam supprimidos todos os entraves, todas as coacções que tanto concorrem para artificialisar o nosso viver na sociedade d'hoje.

Converta-se n'uma realidade bem manifesta a plena expansão do desejo sexual, a livre união dos sexos, sem as peias que na sociedade contemporanea tanto a reprimem e pervertem. Depois, quando a mulher, emancipada para sempre da oppressão e do jugo do homem, puder, consciente e livre, escolher o companheiro preferido para uma existencia em commum, a *livre maternidade* será a consequencia logica do *amor livre*. A mulher terá o legitimo direito e a liberdade de escolher a epocha em que deseja ser mãe.

O amor livre e a livre maternidade são os termos indissoluveis d'uma concepção bem mais larga da familia. Uma vez effectuada uma união sexual, perfeitamente liberta de todos os convencionalismos que dominam e escravizam a actual instituição da familia, o homem e a mulher cooperarão, de commum accordo, na génese d'uma descendencia mais forte e mais perfeita.

Buscar-se-ha, com religioso cuidado, o momento

mais propicio á fecundação. Procurar-se-ha realisar todas as condições apontadas pela sciencia, como indispensaveis, como estrictamente necessarias a uma bôa concepção. Para isso, tratar-se-ia de obter a maior hygidez possivel da parte dos geradores, compenetrados intimamente da grave responsabilidade moral e social que pesa sobre o acto que intentam realisar.

Effectuada que seja a concepção do futuro sêr, a mulher no pleno conhecimento das noções mais precisas e mais praticas, fornecidas pela physiologia, afim de se conseguir uma boa gestação, collocar-se-ha sempre em condições mesologicas, as mais favoraveis á realisação d'um bom nascimento. Desde que a gravidez seja comprovada, e, n'essa epocha, é de esperar que, pelos progressos da sciencia, se obtenha mais precocemente a certeza no seu diagnostico, a mulher saberá evitar, com prudencia, todas as acções perturbadoras para o desenvolvimento do embryão.

A boa alimentação e o bom vestuario, os mais cuidadosos resguardos, a suspensão de qualquer trabalho fatigante, a ampla satisfação de todas as exigencias organicas, emfim, uma boa hygiene physica e moral, conseguirão crear e manter, no meio ambiente, as condições d'um perfeito equilibrio, as mais propicias para a eclosão d'um novo ser.

E os preceitos do Neo-Malthusianismo não restringem por aqui a sua esphera d'acção. Os Neo-

Malthusianos não abandonam o novo ser, a geração futura, aos acasos d'uma infancia cheia de ciladas e perigos. Acompanham-na desde o berço até ao desenvolvimento integral de todas as suas faculdades.

Uma boa educação será o corollario d'um bom nascimento.

E uma boa educação será a *educação integral*, a cultura harmonica de todas as faculdades physicas, intellectuaes e affectivas. Como diz Paul Robin: «a *educação integral* não é a accumulação forçada d'um numero infinito de noções sobre todas as coisas; é a cultura, o desenvolvimento harmonico de todas as faculdades do sêr humano: saude, vigor, belleza, intelligencia, bondade.»

A educação physica consistirá no desenvolvimento organico dos musculos e do cerebro, obedecendo assim aos dictames da physiologia, cujas leis nos indicam a necessidade do exercicio de todos os órgãos activos e passivos.

A educação intellectual abandonará o mais possivel as questões *d'opiniões* para ter em vista, sobretudo, as questões *de facto*. São estas filhas da observação, da experiencia, e por isso suscitando soluções analogas para todos os seres.

A educação affectiva ou moral será uma derivada do conjuncto. Intentar-se-ha a diffusão no espirito da creança de noções de reciprocidade social e de bondade, mas a vida moral das gera-

ções futuras derivará essencialmente *d'uma existencia normal n'um meio normal.*

As creanças degeneradas, doentes, tristes productos de taras hereditarias, que os paes não souberam, não quizeram ou não puderam corrigir; fructos de nascimentos ao acaso, inconscientemente geradas, serão tratadas como verdadeiros enfermos, dignas portanto de todo o nosso carinho e de toda a nossa attenção. Comtudo, procurar-se-ha sequestrar-as, separal-as das creanças normaes e sadias, sem violencia, o mais humanamente possível, sem nunca esquecer que não temos o direito de castigar quem não é responsável da sua inferioridade organica.

Os culpados serão os paes. O seu procedimento criminoso não poderá esconder-se por detraz d'uma pretendida ignorancia, visto que devem estar convenientemente elucidados sobre os intuitos e a natureza da nova campanha sexual.

E' necessario popularisar o mais possível as prescripções do Neo-Malthusianismo, verdadeiro evangelho de regeneração humana. Seja convertido em dogma para a humanidade inteira *que é preciso não dar nascimento senão a creanças que tenham as maiores probabilidades possiveis de ser felizes e uteis.*

Um *bom nascimento* será a primeira *étape* para a regeneração da especie. Depois, ha de ser a educação integral que virá desenvolver o indivi-

duo, preparando-o para constituir um elemento necessario e util ás gerações futuras. Estas ir-se-hão afusando gradualmente, realisando sempre uma felicidade maior.

Mas, como um bom nascimento e uma boa educação não podem ser compativeis com uma pessima e defeituosa organização social, esta por seu turno tenderá a ser modificada. Tudo se effectuará harmonicamente, convergindo todas as actividades para o mesmo ponto, a conquista da felicidade. *Um bom nascimento, uma boa educação e uma boa organização social* prepararão o advento d'uma era nova de felicidade.

Um dos mais importantes problemas que o Neo-Malthusianismo vem resolver, é o do casamento entre degenerados e doentes.

Será legitima a tendencia actual a prohibir e a evitar o casamento, quando ambos ou um dos conjugues tenha uma organização degenerada ou seja morbidamente constituido? Negar-se-ha com justiça a possibilidade de casar a individuos tuberculosos ou infectados pela syphilis? O unico meio de obstar á decadencia da especie será a prohibição formal do casamento a todos os que, pela sua inferioridade physica, não possam originar productos sãos?

Parece-nos que não. Impedir o casamento ou a união sexual a esses infelizes é uma violencia e uma barbaridade, que nada justifica. Basta-lhes

a sua fallencia organica a amargurar-lhes a existencia, para que venham ainda as convenções sociaes e um pretendido direito de defesa augmentar-lhes o soffrimento.

E' bem conhecida a accentuada tendencia que têm todos os degenerados e doentes a buscarem-se e a unirem-se, provocando assim, por uma proxima esterilidade, uma eliminação natural que, em breve, expurga o meio de todos esses productos morbidos. Essa tendencia não deve ser combatida; pelo contrario, deve ser auxiliada, reforçada poderosamente pelo consenso geral.

Todos os esforços e toda a propaganda devem tender a diffundir no espirito das massas a necessidade de evitar a procreação, desde que os paes não reünam as condições necessarias á realisação d'um bom nascimento. Casem e unam-se livremente os degenerados e doentes, mas tratem de impedir, pelo uso das praticas neo-malthusianas, que uma possivel descendencia venha a soffrer as terriveis consequencias d'uma criminosa imprevisão dos paes. Essa resolução deve ser espontanea, imposta apenas pelos dictames da consciencia, arbitra unica das nossas acções e da nossa vontade.

✽

Para que todos possam conhecer, nitidamente, os intuitos e o valor da nova campanha sexual, resolvemos publicar na integra o *Relatorio da*

Liga da Regeneração humana ao Congresso libertario de Paris, em Setembro de 1901. N'esse documento, por tantos titulos notavel, está brilhante e concisamente exposta toda a doutrina do Neo-Malthusianismo.

PRÉAMBULE

Notre idéal. — Nous sommes un petit groupe de camarades dont la plupart ont pour idéal la Société sans argent et sans maître, et nous espérons que cette forme sera, dans l'avenir, réalisée par toute la race humaine. En attendant, entre nous, et dans nos tentatives, nous cherchons dès aujourd'hui à réaliser cet idéal dans la limite du possible.

Notre tolérance. — Contrairement à d'autres penseurs, nous ne sommes pas du tout exclusifs et n'avons aucun mauvais sentiment pour ceux que les étapes intermédiaires empêchent de bien voir le grandiose but final. Nous ne croyons guère à l'efficacité de mesures législatives, autoritaires quelconques, sauf, peut-être, dans les cas très exceptionnels où elles ont pour effet de supprimer des mesures, des lois anciennes, sans les remplacer; mais nous sommes très tolérants pour ceux qui, sincèrement, veulent expérimenter encore, malgré tant d'insuccès, suffrage universel, action légale et autres moyens analogues.

Nous ne les approuvons pas, mais nous nous abstenons de considérer comme ennemis les groupes qui croient bon d'y avoir recours.

On peut juger les individus, non les groupes. — Sans doute, il y a parmi les legalistes des gens peu sympathiques, mais il y en a aussi parmi ceux qui se disent anarchistes; et si parfois nous nous

permettons de juger les individus, nous ne voulons pas juger en bloc des groupes de travailleurs qui contiennent toujours une grande majorité de sincères.

Facilité de bonne harmonie avec tous les progressistes.—Du reste, le chapitre auquel nous nous attachons surtout, d'abord parce qu'il est particulièrement négligé, méconnu, très calomnié, ensuite parce que nos études nous ont démontré son importance primordiale, nous permet de rester très facilement, si cela leur plait, en bonne harmonie avec toutes les sortes de progressistes, depuis les plus modérés jusqu'aux plus extrêmes.

NOTRE DOCTRINE

L'intempérance procréatrice, cause de misère.—Nous pensons avec J. Stuart Mill et beaucoup d'autres penseurs qu'aucun progrès sérieux ne peut être obtenu dans la condition des travailleurs, tant qu'ils continueront à s'abandonner à l'intempérance procréatrice.

On ne sait pas ! — D'autre part, il est bien évident que si les prolétaires pèchent en ce point, et ont beaucoup trop d'enfants, ils ne le font que par ignorance et ne demandent pas mieux que d'être instruits; nous travaillons à leur donner cette instruction.

La procréation guidée par la science est le premier chapitre de l'émancipation. — Nos efforts s'appliquent à enseigner aux couples et surtout aux femmes, à ne procréer que quand ils l'auront décidé après mûre réflexion. La procréation doit être, comme les autres actes, soumise au contrôle de la volonté humaine guidée par la science. Or, la science physiologique et l'art qui en dérive, permet-

tent aujourd'hui de n'enfanter que quand on le veut, sans se priver des joies parfaitement licites de l'amour et de la famille. Nous faisons bien mieux que protester vainement contre les puissants qui, s'appuyant sur des préjugés antiques, prétendent entraver ces joies au nom d'une prétendue morale; nous enseignons simplement à braver leur tyrannie.

Objections réfutées. — Beaucoup de militants de diverses écoles contestent l'utilité sociale de notre propagande, déclarant qu'elle n'est pas révolutionnaire. Ils ont grand tort, mais peu nous importe, et nous ne croyons pas utile de discuter ce point, du moment que tous nous concèdent l'utilité individuelle et familiale de notre enseignement. Croire que l'unseuble puisse être heureux, étant composé d'éléments ou d'individus malheureux, est un raisonnement de néophobe qu'on ne peut discuter, mais qui, au bout de peu de temps se détruit et s'évanouit de lui même. Notre seule argumentation contre ces vagues et variables adversaires, c'est encore notre conduite. Nous ne condamnons à priori aucune autre propagande, aucun moyen d'action. Si certains nous semblent incomplets, inférieurs, nous ne nous réjouissons pas moins des améliorations de détail qu'ils ont pu ou pourront apporter au sort des humains, pourvu que ces améliorations ne cachent pas un recul, ne préparent pas de nouvelles entraves, comme quelques uns qu'ils ne nous convient pas de discuter.

Concurrence aux adultes par les enfants supprimée. — Or, notre propagande est telle que, si elle ne résout pas de suite tant de légitimes impatiences, loin de les retarder, elle avance et en facilite les solutions. Les gens mis en possession de la liberté sexuelle, si facile à se donner tout simplement, vont en conquérir par surcroît et bien vite

une foule d'autres. Les travailleurs ne se feront plus à eux-mêmes de redoutables concurrents nés de leur propre sang. Ils ne viendront plus accroître l'énorme armée des dégénérés brutaux et des résignés, lesquels sont également les causes de leur défaite dans leurs revendications, quelles qu'elles soient et de quelque manière qu'elles se présentent. Ils auront véritablement alors la possibilité de défendre leurs salaires, et de préparer la suppression à court terme du salariat. Quand ils le voudront réellement, et sauront comment agir, les prolétaires cesseront de mériter leur nom d'intempérants *faiseurs d'enfants*. Ils se contenteront d'en faire un nombre très limité, nés dans de bonnes conditions, bien élevés, qui deviendront bientôt de puissantes forces au milieu de leurs frères travailleurs, au lieu de se joindre brutalement aux oppresseurs, ou de devenir par leur faiblesse et leur résignation leurs meilleurs auxiliaires.

Moyens paisibles, résultats extrêmes.—Malgré ce que peuvent penser les défenseurs de moyens que nous trouvons surannés, la révolution sociale que nous préparons, dont nous accomplissons même immédiatement des portions, est extrême dans ses résultats prochains et même présents.

Elle est on ne peut plus paisible dans ses procédés. Nous n'avons pas grande confiance dans la violence des moyens, non par vaine sensiblerie, mais parce que nous voyons bien que la force matérielle n'est pas actuellement à la disposition de ceux qui souffrent, mais bien à la disposition de ceux qui font souffrir. Les choses peuvent changer, et certainement nous ne serions pas alors les derniers à employer les moyens les plus efficaces; mais nous recommandons d'éviter la précipitation, de ne pas se faire des illusions qui peuvent aboutir à de continuelles

défaites de détail ou à d'épouvantables écrasements en grand comme ceux de juin 1848 et de mai 1871.

Premier chapitre de l'Economie Sociale. —

La question de population précède évidemment, en bonne économie sociale, les questions de production et de distribution des richesses; sa « délicatesse » l'a fait particulièrement négliger; mais aucun propagandiste d'aucune école de progrès ne devrait ignorer les œuvres magistrales où elle est exposée, notamment le *Principe de population* par Joseph Garnier, et les *Eléments de science sociale* par un docteur en médecine, livre que, malgré l'absence de publicité, a en dans toutes les langues une immense, quoique insuffisante circulation. La Ligue a déjà fait des efforts pour populariser cette connaissance; elle en fera encore plus quand ses moyens d'action augmenteront.

Propagande pratique basée sur l'intérêt individuel de chacun. — Toutefois, nous ne sommes pas du tout pressés de nous attaquer au grand problème par son haut côté philosophique absolument au-dessus de la compréhension de la masse opprimée par une infime minorité et abrutie par la misère. Nous remettons les discussions sur ce terrain à l'époque où nous aurons surabondance de place, alors que nous n'avons maintenant pour défendre nos idées que des coins très réduits.

Pour le moment, nous ne nous adressons qu'à l'intérêt personnel que chacun peut immédiatement comprendre et satisfaire: moins d'enfants, plus d'abondance matérielle, plus de temps pour le calme loisir, les sages réflexions, les amicales conversations, les discussions instructives; donc plus de facilité pour comprendre les motifs de la souffrance universelle et les moyens de la supprimer.

Dernières objections. — Nous ne nous arrê-

tons pas aux objections d'un faux patriotisme composé de peur et de haine ; nous haussons les épaules et passons avec mépris. Nous avons suffisamment répondu à l'objection révolutionnaire.

C'est affaire privée ! Réponse.— Il est encore une bizarre objection sous laquelle des gens, dont certains ont d'ailleurs montré tant de courage, cachent une étrange timidité. « Cela, disent-ils, est affaire privée, ne peut être traité publiquement ! »

Mais la question du pain, du logement, sont aussi des questions très personnelles. Une personne bien nourrie, bien logée, ne souffre pas matériellement de ce que d'autres meurent de froid et de faim ! C'est la sympathie morale qui la pousse à lutter avec eux, souvent plus qu'eux contre la cause de leurs souffrances. Des parents plus à l'aise, parce que prudents, ont les mêmes motifs moraux pour conseiller et secourir ceux dont l'imprudence a augmenté la misère ; et même en plus des motifs matériels, la surabondance de travail enfantin faisant concurrence non seulement à leurs parents mais à tous les autres salariés.

Ce recul devant une question si importante, intéressant chacun, par conséquent tous, est un acte de pusillanimité que ne défendra sérieusement aucun libertaine.

Les blagueurs et les poseurs.— Enfin il est des hommes, qui trouvent plus commode de dédaigner ou de blaguer que de discuter. Qu'on nous permette de ne citer aucune de leurs phrases hautes ou de leurs lourdes plaisanteries, et de faire une dernière réponse dont ils profiteront ou qui les écrasera. Elle s'applique surtout aux hommes, pour la défense des femmes, les victimes. Il serait facile d'en retirer l'usage des femmes qui par pose ou pudeur affectée, veulent devant les autres, paraître se

joindre aux objecteurs, les passages qui peuvent s'appliquer à elles.

Trilemme. — Opposants, qui que vous soyez, vous devez être rangés en trois classes :

1.^o **Célibataires réels, mariés continents**, n'ayant pas ou plus recours aux rapports sexuels, ni à aucun de leurs déplorables succédanés. Vous êtes des vieux malthusiens. La vertu dont vous vous glorifiez est non seulement stérile, mais productrice de souffrances inutiles. Vous manquez à la loi physiologique de l'exercice, vous subissez ou subirez nombre de maladies physiques que nous n'avons pas à détailler ici et que vous trouverez dans les traités spéciaux; vous n'échapperez pas non plus à des maladies morales, résultat des premières, caractère aigri, insociabilité, jalousie... Vous vous guérirez à l'instant où vous le voudrez. En attendant, comme vous ne faites guère de mal qu'à vous, nous ne pouvons que vous plaindre.

2.^o **Célibataires pour rire**, qui pratiquez la séduction ou l'amour vénal, mariés (légalement ou non, peu importe), qui avez une esclave permanente, à qui vous en joignez, ou n'en joignez pas de passagères, leur faites vous la grâce de les consulter avant de leur faire des enfants, prenez-vous ou leur faites vous prendre quand elles le désirent, les précautions efficaces pour ne pas enfanter? Si, oui, vous êtes des **néo-malthusiens** pour vous mêmes, égoïstes pour les autres. Vous êtes comme les gens bien nourris, bien logés, dont nous parlions plus haut, qui se moqueraient du froid et de la faim des autres. Comme de prêtres d'Isis, vous aimez la science et les bienfaits qu'elle vous procure, mais vous évitez avec soin ou négligez de la répandre. Vous manquez au devoir impérieux de solidarité :

votre place n'est pas parmi nous, elle est dans le camp des égoïstes.

3.^o **Simplex jouisseurs** : vous ne connaissez que votre plaisir. La femme quelconque, légitime ou non, n'est que votre instrument. Vous jouissez et n'avez cure du reste. « — Qu'elles se débrouillent, cela ne me regarde pas ! » C'est la parole abominable que l'on vous entend répéter sérieusement, en riant, en prose, en vers, en paroles, en chant. Et la masse inconsciente applaudit cette cruelle affirmation de la liberté de l'égoïste, sans tenir compte des vies de tortures que coûtent à d'autres ces fugitives voluptés. Horreur ! Et des gens posant pour l'anarchie, la philosophie libertaire, professent ces théories et osent blâmer les jeunes bourgeois séducteurs des filles d'ouvriers. Mais vous êtes, leur dirai-je, autant qu'eux créateurs de souffrances, de prostitution, de meurtres ! Vous ne valez pas mieux qu'eux et même beaucoup moins. Car ces messieurs ne posent pas pour la solidarité humaine comme vous, et dans le nombre, il s'en trouve qui, lorsqu'ils lâchent la fille qui a servi à leur jeunesse d'exercice hygiénique, lui laissent la grosse somme dont les intérêts aideront à la vie matérielle de la délaissée et des bâtards. Avec vous, pauvres d'argent autant que de cerveau, rien de pareil. Vos victimes, filles et enfants, n'ont aucun espoir !

NOS MOYENS, NOTRE HISTOIRE

Notre pauvreté. — Nos moyens d'action sont minimes. Comme le furent tous les novateurs, nous sommes peu nombreux, pauvres, peu aidés. Nous sommes en ce moment sans domicile fixe, n'ayant

pas de quoi satisfaire aux exigences du plus modéré des voutours ¹.

Nos actes.—Nous avons déjà publié trois numéros de notre journal *Régénération*. Nous avons l'espoir de le faire paraître bientôt régulièrement, au moins chaque trimestre, sans abonnement régulier. ² Nous acceptons ce qu'on nous donne, argent, place, concours, sans aucun lien réciproque autre que celui de l'idée. La ligue a publié deux feuillets de propagande; puis *Les Moyens d'éviter les grandes familles*, traduction authentique de la brochure officielle de la Ligue hollandaise. La Justice (J majuscule) voulut la poursuivre au début, mais manqua de persévérance en présence de tous les noms des hauts personnages néerlandais, membres de la Ligue. Maintenant que la brochure a été régulièrement déposée depuis beaucoup plus d'un an, elle est inattaquable légalement, si par hasard, la Justice veut bien respecter une loi en faveur de la liberté. Il a été distribué par des membres de la Ligue, ou autres pas toujours connus de nous, des feuillets de propagande, théoriques ou pratiques. Nous avons pour ces productions une sympathie générale, sans avoir à en garantir, approuver ou blâmer les détails.

Les commerçants.—L'intervention des purs commerçants rapaces ne nous charme guère, mais comme dit un excellent feuillet anonyme: «C'est la faute des gouvernants qui entravent la digne propagande scientifique humanitaire».

Lois scélérates.—En effet, les puissants du gouvernement et de la presse vénale affectent de

¹ Depuis Nov. 1900 la Ligue loge 26 rue Liton Paris XI.^e y écrire.

² On a fait et on fera mieux.

nous confondre avec les pornographes, (en vérité ils le sont, eux et nous pas!); on a demandé et obtenu d'hypocrites et féroces répressions, et la loi scélérate Darlan-Béranger du 16 mars 1898 a été faite en réalité contre nous. (Voir sa «Conception» au Sénat les 27 janvier et 5 mai 1897; *Journal officiel*, pp. 273 et 306.

CONCLUSION

Nous terminons en souhaitant ardemment que les vrais émancipés ne tardent plus à comprendre la nécessité de généraliser la liberté sexuelle, la prudence procreatrice. Cette conquête est véritablement le chapitre UN de toutes les revendications.

CAPITULO VI

NEO-MALTHUSIANISMO PRATICO

Le ministère sacré du médecin,
en l'obligeant à tout voir, lui per-
met aussi de tout dire.

TARDIEU.

Adoptaremos, para o Neo-Malthusianismo pratico, os preceitos indicados na brochura «Meios de evitar as grandes familias» publicada pela Liga Neo-Malthusiana hollandeza, sociedade sanccionada como entidade civil por decreto real de 30 de janeiro de 1895.

*

«Pretende-se prevenir a prenhez? Deve-se impedir que o sperma penetre no utero.

O utero está situado no interior do corpo, e, no estado normal, a parte mais baixa encontra-se á distancia d'um dedo da entrada da vagina.

Téem sido indicados muitos meios de impedir a gravidez, mas poucos se mostraram efficazes. Limitar-nos-emos a dar os que, depois de ter sido applicados conscienciosamente, téem parecido bons.

Um meio muito seguro consiste no homem se retirar immediatamente *antes* da emissão do sperma. Este meio offerece comtudo alguns inconvenientes: nem todo o homem possui uma grande dose de energia e de presença de espirito exigida para isso; demais, em muitos casos, este meio deixa o homem e a mulher insatisfeitos, e pôde ter *à la longue* serias consequências. Mencionamos-o aqui, porque é o unico meio seguro que o homem pôde usar, se a mulher despreza o emprego de meios preventivos.

.....
Um terceiro meio preventivo é a *esponja*. Empregando-a bem, é *inoffensivo* e *attinge* geralmente o fim desejado.

Adquire-se para este effeito a mais fina esponja (da dimensão d'um punho de creança) que se possa encontrar n'uma pharmacia ou n'um drogista. Deve ter pelo menos um diametro de 6 centímetros. Se é *mais pequena* pôde não formar uma barreira. Quando este meio não dá resultado, é preciso attribuir isso, o mais das vezes, a que a esponja era bastante pequena. A esta esponja, lavada primeiro em agua morna para a desembaraçar de todas as suas impurezas, ata-se

uma fita macia ao tacto e de 25 centímetros de comprimento.

Antes de se metter no leito, á noite, ou antes do coito, a mulher introduz esta esponja embebida d'agua tão longe quanto possível na vagina, para a tirar, apoz o coito, com o auxilio da fita.

Depois de fazer uso d'ella, a esponja deve ser cuidadosamente lavada em agua com sabão. Recommenda-se laval-a com agua phenica a $\frac{1}{100}$. Antes de se servir d'ella *novamente*, é preciso laval-a em agua pura.

O emprego da esponja exige uma grande limpeza.

Affirmamos tambem que a esponja não deve ser empregada senão em caso de necessidade, quando se não quer ou se não sabe empregar os outros meios.

Recommendamos insistentemente como medida de limpeza o emprego do irrigador, depois de se ter retirado a esponja, afim de lavar a vagina e de fazer evacuar a semente que ainda ahi se poderia encontrar.

.....

O meio *melhor* e o *mais novo* é o inventado, ha alguns annos, por um medico allemão gynecologista, specialista de mulheres, o Dr. Mensinga, *recommendado por muitos medicos e empregado com successo*: o Pessario ocluso. Este pequeno apparelho em fórma de bacia é feito de

caoutchouc, e tem no bôrdô circular uma mola que o mantem constantemente tenso. Este objecto muito simples é introduzido na vagina, de maneira que o utero seja *completamente separado da vagina* e que, por conseguinte, a semente não possa ali penetrar. Afim de estar garantido tanto quanto possivel contra a fecundação é muito recommendado injectar a vagina *imediatamente depois do coito*. Se fôr possivel, deve-se sempre injectar com agua morna de preferencia á agua fria.

A mulher não deve collocar o pessario senão na previsão d'um coito proximo. Quando o retira deve *laval-o com sabão phenicado* de preferencia, ou então com sabão ordinario, juntando á agua da lavagem uma pouca de agua phenica.

Immediatamente antes e immediatamente depois da retirada do apparelho, a mulher deve injectar a vagina com o auxilio do irrigador, *afim de que não possa passar a menor quantidade de sperma da vagina para o utero*.

Na epocha da menstruação, a mulher deve tirar o apparelho e não o reintroduzir senão depois da menstruação. *Não será nunca demais recommendar á mulher que não aperte demasiadamente o pessario, mettendo-o ou tirando-o, afim de não partir a mola, o que deixaria passar o sperma. Um pessario partido ou rasgado não impede a gravidez.*

Se se quer que o pessario corresponda ao

fim, é preciso que elle ajuste exactamente á vagina, porque, se é muito grande ou muito pequeno, não é efficaz e o seu emprego é prejudicial.

E' por isso que se deve aconselhar insistentemente as mulheres a não o empregar sem consultar um medico ou uma parteira. (Os pessarios mais empregados téem um diametro de $6\frac{1}{4}$, $6\frac{1}{2}$, $6\frac{3}{4}$, 7, $7\frac{1}{4}$, $7\frac{1}{2}$, $7\frac{3}{4}$ cent.)

Como o irrigador, o pessario pode ser adquirido nas casas das pessoas indicadas pela Liga (medicos e parteiras).

Desde que estes ultimos dêem as dimensões, pode-se comprar nos fabricantes designados por elles.¹

O uso e a collocação do pessario deve ser ensinada á mulher pela parteira ou pelo medico que indicou a medida.

Basta que se mostre uma vez e que a parteira ou o medico se certifique que a mulher o pode applicar por si mesma, e que o aparelho não desce pela pressão da marcha, ou d'outra forma : em pouco tempo, a maior parte das mulheres adquirem uma grande destreza. Baseando-nos sobre uma experiencia de largos annos, de medicos eminentes d'Allemanha e da Hollanda,

¹ Em Portugal talvez algumas pharmacias tenham o pessario do Dr. Mensinga.

podemos affirmar que o *emprego justo d'este aparelho é o meio preventivo o mais proprio, o mais seguro e que nenhuma influencia funesta tem sobre a saude da mulher, não diminuindo em nada a voluptuosidade do coito.* (Vêr Dr. Hector Treub, tratado de Gynecologia, pagina 514, 2.^a edic.).

Applicando qualquer d'estes meios, não se deve esquecer *que o melhor processo pôde falhar devido a uma pequena negligencia.*

Muitas pessoas não applicam os meios indicados por temor das despesas da viagem para consultar uma parteira ou um medico, ou dos cuidados occasionados pelo emprego d'esses instrumentos. Quando o numero de filhos é ainda restricto, esperam *não ver* augmentar esse numero. Mas muitas vezes a questão não é resolvida assim; bem pelo contrario; e a reproducção não se limita a um pequeno numero de filhos. O homem e a mulher são mas negligentes, deixando agir livremente a natureza, devem esperar *certamente* que a sua familia *augmentará* d'uma maneira consideravel. Ora, o *custo* e os *encargos* d'um só parto, sem contar os gastos da educação, são bem *mais elevados* que os d'uma viagem emprehendida para se fornecerem dos instrumentos necessarios.

As mulheres da classe pouco abastada pensam por vezes que o emprego dos meios de prevenção as faz descer ao nivel das prostitutas. Nada mais falso ! Vêmos, com effeito, que na classe bur-

gueza e entre as pessoas d'uma sociedade mais alta, o numero dos filhos é sempre mais restricto que entre os pobres, por causa do emprego dos meios preventivos recommendados pela Liga.

Demais, vale bem a pena considerar ainda, e não é pouco, que a educação das creanças soffre, se se tem de educar um numero *muito grande* com um rendimento *muito pequeno* »

Taes são os conselhos e as indicações formuladas pela Liga Neo-Malthusiana hollandeza.

A Liga de Regeneração humana de Paris indica os mesmos preceitos, accrescentando outros que, por pouco seguros, nos dispensâmos de enumerar.

Em Portugal, onde as praticas neo-malthusianas são pouco conhecidas, pelo menos nas classes pobres, era de absoluta necessidade a vulgarisação do uso do irrigador e da esponja, não só como meio preventivo, mas como indispensavel hygiene sexual.

BIBLIOGRAPHIA

PIERRE KROPOTKINE — *La richesse et la misère. — La conquête du pain.*

JEAN GRAVE — *A sociedade futura.*

CHARLES MALATO — *Revolution chrétienne et revolution sociale.*

RICARDO JORGE — *Hygiene Social*

G. DE MOLINARI — *Malthus. — Essai sur le principe de population.*

JOSEPH GARNIER — *Du principe de population.*

Elementos de Sciencia Social ou Religião physica, sexual e natural, por um Doutor em Medicina; 2.^a edição portugueza traduzida da 31.^a edição ingleza.

«*L'Humanité Nouvelle.*» (Revue internationale.)

LES ARTICLES: *Evolution du Darwinisme sociologique*, C. FAGES. — *Pages de sociologie préhistorique*, ELISÉE RECLUS. — *Libre amour, libre maternité*, PAUL ROBIN. — *Les filles*, ED. POLIER.

La Revue Blanche — L'article: *Malthus et les néo-malthusiens*, PAUL ROBIN.

Les Temps Nouveaux. — L'article: *La femme ouvrière*, HENRI DAGAN.

L'Enclos. — L'article: *Reponse a M. Lévi*, CHARLES ALBERT.
PAUL ROBIN — Les brochures: *Prochaine humanité.* — *Population et prudence pro-créatrice.* — *Technique du suicide.* — *Contre la Nature.* — *L'Education intégrale.* — *Dégénérescence de l'espèce humaine, Causes et Remèdes.* — *Contre et pour le Néo-Malthusianisme.*

Moyens d'éviter les grandes familles. — Traduction de la brochure hollandaise, publiée par la Ligue de la Regeneration Humaine.

PROPOSIÇÕES

Anatomia

O uso predominante do braço direito contribuiu para a localização da linguagem no cérebro esquerdo.

Physiologia

A synergia funcional é a symbiose no seu mais complexo grau de individualisação.

Anatomia pathologica

A tumefacção turva não é de per si uma degenerescencia, mas póde ser causa de degenerescencia.

Pathologia geral

Metade da humanidade morre de fome.

Materia medica

A electividade medicamentosa é uma propriedade chimica.

Pathologia medica

O concepto de doenças *sine-materia* é um residuo do vitalismo.

Pathologia cirurgica

Os raros casos de hetero-contagio tumoral são phenomenos de metaplastia.

Operações

O processo de Deibler é uma pessima operatoria social.

Obstetricia

Uma boa gestação depende directamente da pratica do Neo-Malthusianismo.

Medicina legal

Não vem longe o tempo em que fazer um filho será um acto d'uma grande responsabilidade moral e social.

Hygiene

O principio darwiniano é a pedra basilar da hygiene.

Visto.

O Presidente,

Luiz Viegas.

Póde imprimir-se.

O Director,

Moraes Caldas.

INDICE

	PAG.
PREFACIO	17

CAPITULO I

A miseria — Suas causas: distincção de classes, propriedade individual — Seus effeitos: pauperismo, prostituição, crime, suicidio, alcoolismo — Esfalfamento physico; esfalfamento mental — Decadencia organica — Crepusculo da especie — <i>Fiat Justitia</i> .	21
--	----

CAPITULO II

As conquistas do homem — As nossas riquezas — A cultura intensiva; a fabricação chimica dos alimentos — Contraste entre a riqueza e a miseria — Accumulação das riquezas nas mãos d'uma pequena minoria — A abundancia para todos — Expropriação — Solidariedade — A Cidade Futura. . . .	49
---	----

CAPITULO III

O principio de Darwin — Darwinismo biologico; darwinismo sociologico — Theorias de Gumpłowicz e Lapouge — A entre-lucta e o auxilio mutuo — A solidariedade, consequencia do principio de Darwin.	67
---	----

CAPITULO IV

Precursores de Malthus — O principio de população — Malthus — Fim humanitario da sua obra — <i>Moral restraint</i> — Progressões do desenvolvimento da população e do crescimento das subsistencias — Theoria de Malthus — Obstaculo privativo; obstaculo destructivo — Analyse critica da theoria de Malthus — <i>Nova religião sexual</i> — Neo-Malthusianismo .	79
--	----

CAPITULO V

Os Neo-Malthusianos — <i>Seu desideratum</i> — Seus processos: <i>A copulação preventiva</i> — O problema da população e o Neo-Malthusianismo — A degenerescencia e os Neo-Malthusianos — Relatorio da Liga da Regeneração humana ao congresso libertario de Paris, em setembro de 1900	103
---	-----

CAPITULO VI

Neo-Malthusianismo pratico	127
Bibliographia.	135
Proposições	137

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

PAG.	LIN.	EM VEZ DE:	LEIA-SE :
23	20	summiu	sumiu
29	13	ineficacia	inefficacia
40	24	consciencia	consequencia
42	27	resistencia	existencia
46	22	physicas	psychicas
49	19	exhuberantes	exuberantes
56	7	aurant	auront
56	19	artificiellemente	artificiellement
57	12	hade	ha de
70	21	exhuberantes	exuberantes
80	7	vivrent	vivre
83	6	consulado	condado
87	6	tem	téem
99	23	ayont	ayant
119	15	l'unsemble	l'ensemble
119	29	dsicuter	discuter
134	17	Ed. Polier	Ed. Potier
